

A Defesa Nacional

Redactor chefe: PAES D'ANDRADE — Redactor gerente: S. SCHELEDER — Redactor secretario: A. PAMPHIRO
Red. e off—Rua da Quitanda, 74

ANNO XI

Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1924

N.º 128

Grupo mantenedor: **Betholdo Klinger — Presidente de Honra.**

Paes d'Andrade, S. Scheleder, A. Pamphiro, (redactores)
Mendonça Lima (thezoureiro), Nilo Val, Orozimbo Pereira, E. Leitão de Carvalho,
L. P. Souza Pinto, Eurico Dutra, Lima e Silva, Pericles Ferraz, Newton Cavalcanti,
Daltro Filho, Eloy C. Catão, Brazilio Taborda, F. J. Pinto, João Pereira,
Fran. P. S. Fonseca e C. de Abreu

SUMMARIO

EDITORIAL

REDACÇÃO

O mal dos aviadores	Cap. Dr. F. de Abreu
Armas automaticas	Ten. J. P. de Oliveira
O metodo dos casos concretos	Ten. R. P. da Camara
O tiro em marcha do F. M.	Cap. E. G. Dutra
Especialidades e especialistas	Cap. C. A. Correia Lima
O serviço de subsistencia e o do reabastecimento	Ten. Cel. Guimarães Junior
A batalha do Lys	Ten. A. Salgado dos Santos
Um anno de instrução no 4.º R. A. M.	Major B. Klinger
Reconhecimento do terreno	Cap. D. de Assis
Sejantos calmos	Cap. de Moraes
Cavaeos profissionaes	Cap. F. J. Dutra

OLIVEIRA ANDRADE & C°

IMPORTADORES E EXPORTADORES

— DE —

Cimento, Ferragens,

Tintas, Oleos,

Louças, Cutelarias,

Materiaes para Construcçāo,

etc., etc.

RUA 7 DE SETEMBRO N. 67

TELEPHONES :

Escriptorio: Norte 7664

Armazem: Norte 7787

RIO DE JANEIRO

Acaba de sahir:

HISTORIA MILITAR DO BRASIL

PELO

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8° com 600 pgs.
de texto em composição compacta
e grande numero de mappas a cores
«fóra do texto»

Preço (livre de porte) { em broc. 12\$000
encader. 15\$000

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & Cia.

Rio de Janeiro — Rua do Ouvidor, 166
São Paulo — Rua Libero Badaró, 129
Bello Horizonte — Rua da Bahia, 1055

A guerra do Brasil com a Republica
Argentina em 1827

E AS QUESTÕES DO RIO DA PRATA

PELO TENENTE

Amilcar Salgado dos Santos

Obra de cerca de 400 pgs. se acha
á venda nas livrarias: "Scientifica
Brazileira" á rua S. José n. 11 — "Cruz
Sobrinho" á mesma rua n. 82 — "Leite
Ribeiro" á rua Béthencourt da Silva,
"Alves" rua do Ouvidor, 66 e nas
principaes de São Paulo e Santos.

Acha-se á venda nas mesmas livra-
rias:

A GUERRA DA INDEPENDENCIA

— POR —

Amilcar Salgado dos Santos

A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente-Coronel Beverina,
do Exercito Argentino, a proposito
da Campanha de 1851-1852

PELO

Capitão Genserico de Vasconcellos

Preço 2\$500

Marchas (Organisação das) — pelo	
Capitão Nilo Val.	3\$000
Campanhas Brasil-Rio da Prata —	
pelo mesmo.....	3\$000
Notas sobre a Historia Militar do	
Brasil — pelo mesmo.....	2\$000
Notas sobre Jogo da Guerra — pelo	
mesmo	2\$000

A' venda na Papelaria Macedo — Rua da Qui-
tanda, 74 e Livraria Editora de Leite Ribeiro
— Rua Bittencourt da Silva

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

N.º 128

Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1924

Anno XI

PARTE EDITORIAL

Cultura profissional do Exercito

Acção da M. M. F.

No decorrer destes ultimos tres lustros, douos factores de inestimavel valor, dentre outros de menor relevo, é de inteira justiça destacar, como fecunda contribuição na magna obra da organisação e cultura profissional de nosso Exercito: o primeiro prende-se ao grande problema da massa pessoal — a conscripção compulsória pelo sorteio; o segundo liga-se á instrucção systematica dos quadros — a Missão Franceza Franceza.

Aquelle deve o Brazil ao Marechal Hermes da Fonseca, que, como ministro da guerra, deu á nossa defesa, alem disso, um grande e decisivo impulso, dotando-a, pela primeira vez, de uma organisação digna deste nome, bem como da maior parte do material bellico de que vimos a nos utiliar até agora. Este cabe, em primeiro lugar, ao Conselheiro Rodrigues Alves, em cujo programma administrativo estava incluido e, depois, á consequente e patriotica decisao do Presidente Delphim Moreira, que, vindo ao encontro do primeiro, contratou a actual Missão Franceza.

Seria grave e chocante injustiça, ao invocar as etapas percorridas por nossa modesta evolução profissional, fazer taboa rasa dos multiplicados, notaveis e patrioticos esforços dispendidos anteriormente ao advento da Missão Franceza, em varias épocas, a favor de nossa resurreição profissional.

De resto, a solução de problemas tão vastos como o de que cuidamos não pôde,

em verdade, ser attribuida a gestos ou esforços singulares: ao contrario, representa sempre o remate de uma copiosa collaboração convergente, através de muitas vicissitudes.

Pôde dizer-se, talvez, sem erro, que a phase decisiva da cultura profissional do Exercito teve começo com a reforma dos programmas de ensino consagrados no Regulamento de 1898.

Até então, os cursos militares revestiam um caracter quasi exclusivamente theorico, caracterisavam-se pela cultura scientifica e philosophica, em detrimento da profissional, tal como fôra para desejar.

O regulamento de ensino, que substituiu áquelle, appareceu no deliberado proposito de tornal-o menos leigo e mais profissional. Foi, portanto, o primeiro impulso. D'ahi por diante todos os posteriores não fizeram mais do que consagrar, cada vez mais intensamente, esse caracter do ensino. Constituira-se, portanto, um principio indiscutivel a corrente em virtude da qual as Escolas Militares deviam formar antes de tudo profissionaes, na verdadeira accepção do termo.

O terreno estava, consequentemente, preparado e reconhecido e a idéa de manobra perfeitamente delineada; havia, alem de tudo isso, muita força moral para realisal-a. O que nos falecia, porem, infelizmente, eram os meios, os recursos para levar a bom termo tão bellos quão promissores ideaes.

Uma pleiade illustre de officiaes, que na Europa aperfeiçoara seus conhecimentos profissionaes, começou por bater-se, entre nós, com muito denodo, formando proselytos, que se arregimentavam galhardamente em torno dos principios evangelisadores.

O medico de casa, porem, quasi nunca tem o prestigio bastante para tratar aos que lhe são mais caros.

Alem disso, o governo descurára de um plano em virtude do qual esses officiaes fossem para o estrangeiro cada um delles com uma missão definida, consonte a tarefa que depois lhe coubesse aqui, na tropa ou nas Escolas, com caracter official.

Como se vê, nada disso se fez, de sorte que os esforços resultavam inarticulados, apezar da boa vontade de muitos, alheios a um systema que os conjugasse, de forma a interessar ao conjunto, sem perda de energias e no menor tempo possivel.

O resultado de tudo isso foi a formação de theorias discrepantes e confutaveis, inaptas portanto aos fins que se tinha em vista, isto é, a *generalização da cultura profissional no Exercito, dentro de uma mesma doutrina de guerra*. Essa crise de indisciplina intellectual, quando outra vantagem não nos houvesse legado, yeio pôr em relevo a necessidade indisentivel da vinda de uma missão instructora. E a Missão Franceza foi contratada. De como vem ella se desempenhando de seus encargos cremos, não haverá, de bôa fé, duas opiniões: a obra que já edificou entre nós é o attestado mais vehemente de sua capacidade, de seu esforço e tenacidade. Obediente a um programma, que tem procurado cumprir sem discrepancias, dirigida por um chefe que, cada vez mais, se tem imposto ao Paiz, por seu caracter, por sua capacidade, e sobre tudo pela sinceridade de sua conducta, vem ella correspondendo dignamente ás esperanças com que a receberamos.

Tanto vale dizer, que nosso Exercito dispõe actualmente dos elementos bassicos para levar avante a penosa tarefa de sua cultura, calcada em moldes nacionaes, resultantes como são dos ensinamentos hauridos pelo Exercito Francez no curso da grande guerra.

Sejamos, portanto, reconhecidos a quantos nos vieram trazer, já coordenados em doutrina, esses ensinamentos colhidos em duras provas, por isso que serão, por sua vez, o germem da doutrina em vias de

formação que mais nos convem. Dentro desses lineamentos geraes é que se organisará, como aperfeiçoamento gradativo de nossos regulamentos, o código de nossa conducta militar na guerra.

Não se tratará, d'ora em diante, de discutir principios e processos, sinão de adaptal-os e applical-os ás nossas necessidades, de conformidade com os nossos recursos e de acordo com o nosso meio. E teremos, assim, da maneira mais efficaz e prompta possivel, lançado as bases de uma disciplina intellectual solida, dentro da qual todos devemos raciocinar e aperfeiçoar, de modo a garantir a convergencia harmonica de esforços, no tempo e no espaço, quando o incidente de uma guerra jogar-nos no campo de batalha, onde todos devemos pensar homogeneamente, afim de que a acção conjuncta resulte a expressão maxima de uma só vontade, que é a vontade do chefe supremo.

De todas as instituições humanas, os Exercitos são, talvez, as que mais deviam cultivar e encarecer essa unidade de idéas e de acção. Lançados no vertiginoso tumulto dos campos de batalha, os planos de acção, isto é, a vontade dos chefes na angustia do tempo e na vastidão dos espaços só podem ser expressos por directivas. Simples e breves, a cada um dos escalões descendentes cumprindo interpretal-os e completal-os no que possam parecer obscuros ou omissos dentro da idéa de manobra expressa, na conformidade da doutrina consagrada. A guerra é um constante e pertinaz esforço por uma dada ordem, em meio a mais desoladora desordem, promovida, em grande parte, pelas reacções violentas do adversario. A victoria pertencerá, sem duvida alguma, áquelle dos contendores que, dispondo dos meios necessarios, melhor souber conjugar o plano das idéas com o das acções correspondentes sem discontinuidade n'um e n'outro — dupla tarefa — *elaboração mental e technique, execução consequente, energica e efficaz*.

E' em ultima analyse a criação dessa ordem, base de toda acção exterior, nosso principal dever durante a paz, afim de que transportada, na guerra, para os campos de batalha, sua consagração não mais venha a preoccupar o espirito de ninguem, certos todos de que a interpretação das ordens será homogenea e a execução das mesmas immediata ou opportuna.

O mal dos aviadores

pelo

Dr. Florencio de Abreu

Cap. medico, do H. C. E.

Do acervo, já vasto, de observações, auto-observações, pesquisas e experiências feitas por aviadores, por clínicos, por especialistas, por fisiólogos, por médicos aviadores, resulta, no momento atual, o conhecimento de perturbações que se repetem ao vôo com maior ou menor intensidade, feixe de sintomas mais ou menos constantes, nevrose dos aeronautas, síndrome de Ferry, *mal dos aviadores*.

A sintomatologia pode-se rezumir assim: a) na acenção — a partir de 1.400 a 1.500 metros, sensação de secura na boca e cavidades nazais, angustia faríngea; de 1.500 a 2.000 metros, sensação de amplitude auricular, zumbidos de ouvido, conjestão periférica (face, conjuntivas, etc.); aos 2.000 metros, céfaléa geralmente frontal, nauzeas, sensação de entumecimento de ventre, tremulos nas extremidades dijítaes; a partir de 3.000 metros, indisposição, sonolência, sensação de torpor, tendência à inércia, perda de confiança em si, necessidade de urinar; à medida que aumenta a elevação alguns desses sintomas se vão agravando, ocorrendo fenômenos de inibição e, mesmo, nas grandes alturas, perda dos sentidos; b) à decida — perturbações respiratórias e circulatorias (apnéia, arritmia), impresões quinestésicas, desfalecimentos, vertigens; c) ao aterrarr — forte excitação, fenômenos motores, poliúria e, algum tempo depois, torpor, sono invencível, profundo, prolongado (principalmente nos principiantes).

Para explicar a geneze desse *mal dos aviadores*, algumas teorias têm sido expostas e discutidas.

Jourdanet e *P. Bert*, baseando-se no princípio de que a depressão atmosférica não atua por si própria mas somente porque diminui a tensão do oxigênio, estabeleceram a doutrina da *anoxemia*, a mais antiga. Realmente Bert constatou que quando a pressão atmosférica diminui, a quantidade das gás contidos no sangue diminui também, mas em proporção um pouco menor do que a que indicaria a lei de Dalton: o sangue perde,

portanto, mais oxigênio do que ácido carbonico. Apesar da maior quantidade restante de ácido carbonico no sangue, Bert afirma que não se lhe podem atribuir as perturbações, mas sim à fraca tensão de oxigênio. O seguinte quadro, tirado a Brichambaut, exprime as variações de oxigênio no ar e no sangue em diferentes alturas:

Altitude	Pressão atmosférica	Oxigênio para a pressão de 760	Oxigênio no sangue
2500 m.	0 ^m 560	15,4 p. 100	17,40 p. 100
4000 m.	0 ^m 450	12,4 " " "	15,9 " " "
6000 m.	0 ^m 340	9,3 " " "	12 " " "
8000 m.	0 ^m 250	6,9 " " "	9,9 " " "

Como documento experimental citam-se os vôos a grandes alturas, mercê da inalação de oxigênio puro, permitindo ao cap. Fonck, a Sadi Lecointe, a Hirch, a Cazale e ao tenente americano Mac Ready atingirem respectivamente 9.000, 9.500, 10.000, 10.100 e 12.445 metros de altura.

Mosso emitiu a doutrina da *acapnia* partindo de raciocínio contrário. Para elle, enquanto que a tensão do oxigênio fica constante, é a insuficiencia do ácido carbonico no sangue, em consequencia da rarefação do ar, que determina o *mal dos aviadores*. Foi aplicando essa teoria e respirando uma mistura de 87% de O e 13% de CO₂ que, em 1906, Agazotti pôde suportar, sem grandes perturbações, a rarefação correspondente à 15.582 metros, pressão equivalente a 122 m/m de Hg.

Para *Germe* é a *diminuição de pressão em si* a causadora do mal.

Vizinha da de *Germe* é a teoria da *anemospazia* que afirma que, pela rarefação atmosférica, a pressão enfraquece nos vazos pulmonares tornando defeituosa a aspiração do sangue nos pulmões.

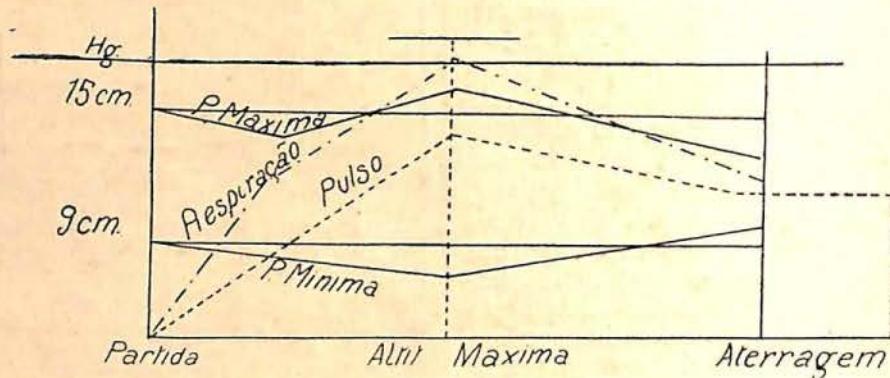
A teoria do *vacuo pleural* procura explicar o fenômeno com isso que, sob baixa pressão barométrica, esse vacuo faria enfraquecer a aspiração torácica diminuindo a luz das veias, facilitando a estagnação no sistema venoso pulmonar.

A teoria da *dilatação dos gases intestinaes* nas altitudes, comprimindo o diafragma e prejudicando a aspiração torácica, pretende também justificar a geneze do sindromo. A teoria que atribue à *fadiga o mal dos aviadores* encontraria justificativa na maneira mais ou menos nitida por que ela se reflete no conjunto do sistema cardio-reno-vascular. Aliás, as rações físiopatológicas, sobretudo de natureza cardio-reno-vascular, constituem a *teoria de Ferry* na patogenia do *mal dos aviadores* que ele, e, com ele, Perrin de Brichambaut, médicos e aviadores, tãometiculosamente estudaram.

Primeiro por uma precoce fadiga cardíaca, consequência da adaptação da pres-

são sanguínea às flutuações e segundo por uma anemia passageira dos diferentes órgãos, esta facilitando aquela e vice-versa — é «*qu'il faut expliquer la plupart des troubles présentés par les aviateurs*». Some-se a isso um certo grau de auto-intoxicação renal, mercê de fenômenos de inibição que perturbariam a necessária secreção supra-renal, e tem-se, em síntese, a doutrina de Ferry para explicar a patogenia do sindromo dos aviadores.

De fato, Ferry, nas suas numerosas acções experimentais, já como passageiro, já como piloto, constatou o que o seguinte esquema reproduz:



«A frequência respiratória, a do pulso, aumentam à aceleração tanto mais depressa quanto esta é menos rápida: ha, nisso, um índice do retardo de adaptação do trabalho do coração no caso de acelerações mais rápidas. Essa frequência diminui menos à decida e fica durante os 15 a 20 minutos que seguem ao aterrizar superior ao seu valor de partida.

Para a pressão sanguínea máxima, produz-se a princípio uma baixa seguida de um aumento mais forte à aceleração, seguida enfim de uma baixa ainda mais acelerada à decida. Seu nível ao aterrizar é, pois, menor do que no momento da partida. Essa diferença é mais notável nas decidas de altitudes mais elevadas, nas decidas mais rápidas ou mais movimentadas de altitudes iguais, nos vôos de duração mais curta às mesmas altitudes. A pressão máxima continua a baixar nos minutos que seguem à aterrissagem, o que explica a recrudescência de certas indisposições nesse momento (titubeação, zumbidos), depois ela retoma o seu nível normal em seguida a uma curta série

de oscilações sinuoidais, pelo menos nos aviadores em treinamento. Nos já fatigados, com efeito, atingidos de um começo de astenia, essa hipotensão máxima da aterrissagem se prolonga mais e intensifica paroxisticamente as perturbações que existem no intervalo dos vôos.

Simultaneamente a pressão mínima, depois de uma baixa progressiva durante a aceleração seguida de uma curva mais acentuada à decida, fica, depois do aterrizar e nas mesmas condições de observação que a máxima, ligeiramente superior ao seu nível de partida. O algarismo que mede essa variação de aspecto hipotensivo é, em todo caso, sempre menor que o algarismo correspondente à máxima».

A anemia passageira que constitui a concorrência na geneze do *mal dos aviadores* encontrou confirmação na Itália onde o Dr. A. Gemelli explica a conjestão periférica, a angustia farinjea, as tonturas, as vertigens, os zumbidos, o torpor, a sonolência, etc., — pela anemia nos centros nervosos; a maior frequência respirató-

ria, a aceleração cardíaca que vai determinar maior afluxo de sangue ao nível dos capilares pulmonares — pela anemia nos pulmões; as retenções renais e perturbações decorrentes cujas consequências são geralmente a auto-intoxicação uremica e endocrinica — pela anemia nos rins. Segundo Ferry os fenômenos de inibição das glandulas supra-renais determina *um verdadeiro sindrome de insuficiencia suprarenal que lembraria por certos sintomas o mal bronzeado de Addison.*

Com Ferry diversos autores — sobretudo Josné, de Paris, e Etienne, de Nancy — encontram nessa patogenia a explicação do *mal dos aviadores*. Outros — Broca, Nepper, Camus — a par dessa geneze fisiopatológica, encontram a causa principal do *mal dos aviadores* na constituição psico-física do aviador, na sua *emotividade*.

Brichambaut, médico-aviador fez um estudo inteligente sobre si mesmo (1912-1919), antes, durante e depois da guerra. E foi justamente no seu sistema nervoso, no seu psiquismo, de preferência na sua emotividade, que ele encontrou a grande causa do seu mal de aviador que se individualizou, afinal, numa verdadeira *hipsófobia*, persistente ainda em 1921 após ter passado mais de dois anos sem subir em avião.

Aém do seu caso pessoal Brichambaut colheu vários exemplos entre colegas seus, o que permite julgar da importância da *emotividade* no aviador.

A *Conferencia de Roma* sobre estudos médicos de aeronáutica (15-20 de Fev. 1919). Sintetizando as pesquisas até então feitas e as providências oficiais até então tomadas, emitiu votos que foram sugestões aos governos interessados em resolver o serio problema de salvaguardar o pessoal e o material de aviação.

O *mal dos aviadores*, fato amplamente observado, minuciosamente estudado, experimentalmente confirmado, era, mais do que as *pannes* dos aparelhos, a causa do numero dos acidentes.

A França, a Inglaterra, a Itália, vitimas do mal irremediável que lhes roubou, no inicio da guerra, farta soma de pilotos e observadores das suas heroicas esquadrilhas, atacaram decisivamente o estudo desse assunto, decretando as imediatas providências que aos seus respectivos governos inspiraram os estúdiosos do seu Corpo de Saude.

A Alemanha, que desde um inicio tomára as precauções ditadas pelos seus cientistas convededores do mal, conseguiu desde logo o maior rendimento no serviço de aviação.

A América do Norte, previdente e tradicionalista nos seus aspectos práticos de vida, enviára, em tempo, médicos militares a colherem, entre as nações beligerantes, observação e aprendizagem. De regresso á América, em Janeiro de 1918, esses médicos levaram ao seu paiz as noções que a experiência dos outros lhes ensinára, o que permitiu ao governo americano uma completa organização do serviço médico de aviação.

Atualmente em todos esses países a seleção dos aviadores, quer em exame inicial de candidatos quer em exames de controle dos pilotos, é feita sob inspeção médica rigorosa, em centros onde uma completa aparelhagem permite até a medida sutil das reações psico-motoras e dos *tests* de agilidade mental, perseverança de esforço etc. A Itália organizou centros dessa ordem em Turim, Nápoles, Milão, Roma, alem de outros de menor importância; a França, no Val-de-Grace, em Bourget, Marselha, Bordeaux, Metz, Nancy, Strasburgo, Lyon, Dijon, etc; os Estados Unidos chegaram a organizar um numero superior a sessenta.

Em todos esses centros médicos de aviação, qualquer que seja o paiz, os exames são assim distribuídos: a) exame de medicina geral auxiliado pelo exame radiológico quando necessário, b) exame do sistema nervoso, c) exame oto-rino-laringológico (equilíbrio incluzivo), d) exame oftalmológico — cada um consignado numa *ficha sanitaria do aviador*.

O Brasil, com as suas duas escolas de aviação militar, está ainda afastado das iniciativas e da orientação que as demais nações vêm adotando na defesa de seus aviadores. Mas a existência oficial da 5.ª arma impõe paralelamente a previsão e a prevenção dos perigos que lhe são inerentes.

Dest'arte, no desejo sincero de construir obra útil ao exercito, alguns médicos militares estudaram concientemente esse assunto para inspirarem ao governo brasileiro as medidas necessárias. O dr. Pires Filho organizou a ficha de *exame oftalmológico*; o dr. Issler Vieira a de *exame oto-rino-laringológico*; eu me in-

cumbi da fixa de *exame do sistema nervoso* que apresento á aprovação ou retificação.

Organizado o nosso centro medico de aviação, si o fôr, uma regulamentação necessaria esclarecerá os metodos a seguir e os detalhes das inspeções. Assim, a ficha neuro-psiquica indicará, no cabeça, o nome do examinando, corpo a que pertence, graduação, idade, numero de ordem de rejisto, exame inicial ou de controle, data do exame — os outros dados personalissimos já tendo sido tomados no exame geral. Nos antecedentes familiares serão rejistadas somente as ocorrências nervozas ou neuro-producentes na hereditariedade ou colateralidade do examinando, o mesmo acontecendo quanto aos antecedentes pessoas, dada especial atenção para alcoolismo, sifilis, epilepsia e sexualidade. Os habitos alcoolicos e tabacinos serão anotados em um destes tres gráos: auzencia, uso moderado, abuso. Nos habitos medicamentozos ter-se-á em vista a cocaina, a morfina, o eter, os brometos, etc. Na inspeção externa se anotarão as braquicefalias, dolicocefalias, calvice ou canice precoce, assimetrias, na cabeça; as mal-formações, depressões, prognatismos, na face; o estado, faltas, ex-

cessos e implantações viciozas dos dentes; as doenças e cicatrizes da pele; os sinais de mordidas da língua; a cor e o estado das mucozas. O exame das ufnções motoras, alem dos movimentos e da força muscular, será feito nos segmentos em flexão, extensão, addução e abdução. Os reflexos serão pesquisados cuidadozamente, sendo a presença do Argyll-Robertson motivo suficiente de inaptidão. Para exame do líquido cefalo-raquiano serão retirados 5 c.c. obedecida rigorozamente a antisepcia operatoria. No exame da sensibilidade ter-se-á em conta sobretudo a tactil e a stereognozica. A medida das reações psicomotoras só é possivel com a aparelhagem necessaria: tomar-se-á a média das reações dando-se-lhe o valor relativo que sua apreciação requér. Outrotanto em relação aos *tests-medidas* cuja pesquiza só é possivel com os aparelhos que lhe permitem a pratica. O exame da semiologia psiquica será feito com o criterio psiquiatrico usual, detalhando especialmente o estudo da emotividade. A caza de observações é destinada ao rejisto do juizo que o medico faz do examinando em consequencia do exame e a qualquer outra anotação que julgue conveniente consignar.

Ministerio da Guerra	Serviço de Saúde
	Ficha sanitaria do aviador
 (Nome)
Corpo.....	N.º de ordem.....
Graduação.....	Exame.....
Idade.....	Data.....
<u>Exame do sistema nervoso</u>	
Antecedentes familiares	
Antecedentes pessoas.....	
Habito alcool	Habito tabacino.....
Inspeção externa	Habito medicamentozo.....
Musculos	cabeça.....
	face.....
	dentes.....
	pele.....
	mucozas.....
	pressão dinamometrica.....
	tremulos.....
	marcha.....
	coordenação de movimentos.....
	dextro, canhoto, ambidextro ?
Reflexos	pupilares { á luz.....
 á acomodação.....
	Argyll-Robertson ?
	tendinozos { aquileanos
 patelares
 radiaes
 tricipitaeas
	cutaneo plantar.....
Liquido cefalo-raquiano	Reações de Nonne.....
	Reação de Wasserman.....

Sensibilidade	(Verso)
	tactil
	dolorosa
	termica
	stereognozica
	barestezica
	signal de Romberg ?
Reações psico-motoras	vizuaes
 auditivas
 tactis
Testes-medida de	auto-domínio (sangue frio)
 agilidade mental
 apreciação de distância
 poder de observação
 perseverança de esforço
 intelijencia
 emotividade
Semiologia psiquica	atenção
 memória
 percepção
 ideação
 vontade

	Observações
	Rio de Janeiro, de de 192
	O medico

ARMAS AUTOMATICAS

Diz Napoleão, algures, que, em vez de escrevermos novos livros, melhor seria que nos applicassemos em extractar o que ha de bom nos que já existem: « Il serait à souhaiter qu'au lieu de faire des livres nouveaux, on s'appliquerât à faire de bons extraits de ceux qui existent déjà ».

Foi, mais ou menos, como procedi na organização deste trabalho. E se não digo que segui á justa o avisado conselho do grande capitão é porque, a final de contas, não me limitei a extractar dos mestres o que me pareceu mais util. Além de ter dado nova fórmula aos textos de que me vali, arrumei-os conforme se me afigurou mais logico e entrei frequentemente com opiniões proprias.

Esta observação se impunha, por que se não culpem os que me guiaram, de faltas que se devem imputar unicamente a mim.

Ha outra, que se dirige particularmente aos criticos. Melhor diria aos zoilos.

A estes devo advertir, que não ha de ser abocanhando na reputação dos outros e lhes amesquinhando as obras que se alcançará engrandecer o Exercito. A detracção não endireita, entorta; não constróe, destróe.

Bem é, não ha duvida, que se exerceite a critica. Mas, que se tome tento, por que não venha a critica a descambiar para o terreno da mordacidade.

Capítulo I

ESBOÇO HISTORICO E DEFINIÇÕES

A) Esboço Historico

1—Aos modelos de uma metralhadora automática e de um fuzil igualmente automatico apresentados pelo celebre electri-cista americano Hiram Stevens Maxim, na Exposição de Sciencias e Artes celebrada em Londres, em 1884, costumam os escriptores militares conferir o titulo de precursores das armas congeneres actualmente em uso. Se compulsarmos, porém, a historia dos inventos bellicos, para logo nos convenceremos de que não era novo o problema da automatisação das armas de fogo, posto que nunca chegasse elle a se ver tão completa e intelligentemente solucionado, como então se via.

Com este caso, confirmam-se, mais uma vez, as sabias palavras de Salomão, no *Ecclesiastes*: « Nada ha de novo debaixo do sol: Nihil novi sub sole ».

Já em 1854, com effeito, havia o engenheiro inglez Henri Bessemer obtido a primeira patente de um fuzil-maquina ou metralhadora, cuja camara se abria pela accão do recuo, ficando armado o dispositivo de percussão, para o disparo seguinte. Da citada patente constava ainda que o resfriamento do cano se fazia por meio da agua.

Os cartuchos do fuzil-maquina de Bessemer eram identicos aos do fuzil de agulha Dreyse, por esse tempo usado em Prussia, e ficavam dispostos em um plano inclinado, pelo que cahiam successivamente na antecamara, á semelhança do que se passava no primeiro modelo da metralhadora Gatling.

Nove annos depois, isto é, em 1863, o norte-americano Regulo Pilon, por sua parte, idealiza um fuzil, cujo cano retrocedia no momento do disparo, e só voltava á posição de tiro quando, puxando o gatilho, se libertava uma mola, que era comprimida durante o recuo.

Infelizmente, não vingaram nem a tentativa de Bessemer, nem a de Regulo Pilon. E entre as causas que mais concorreram para o insucesso, figuravam os defeitos de obturação dos cartuchos, obturação que só se poude alcançar quando começaram a applicar-se os de estojo metalico.

De 1863 passemos a 1868. Neste anno o engenheiro inglez W. J. Curtis pede privilegio para uma arma que imaginara, com a especificação de que podia ser mantida apontada, até que se esgotassem os cartuchos do deposito. O seu func-cionamento realizava-se do seguinte modo: produzido o disparo, os gazes provenientes da deflagração da carga occasionava o recuo do ferrolho e a compressão de uma mola, que introduzia o cartucho immediato na camara; aqui, produzia-se o segundo disparo, retrocedia novamente o ferrolho, comprimia-se a mola, effectuava-se o carregamento; e assim successivamente, até que, como disse, se esgotassem os cartuchos. Estes eram dispostos em um cylindro, ou tambor, que girava em

torno de um eixo; e podiam ser quer de envolucro combustivel, como os que se empregavam nos fuzis de agulha, quer de fogo circular ou central.

Em 1869, é concedida uma patente a J. Cramer e W. Moffat, na qual apparecia a primeira applicação do deposito de agua, com que presentemente se refri- gera o cano, entre outras, das metralhadoras Maxim, Schwarzlose, Vickers.

Tres annos depois — em 1872, portanto — ocupando-se o capitão J. M. Plesner em inventar uma maquina que seria moveida por sobreseguidas explosões de polvora, levaram-no as suas investigações ao delineamento de uma metralhadora automatica, constituída de um feixe de varios canos. A cada cano correspondia um mecanismo de fechamento e percussão; e pelo que respeita a alimentação, tanto podia ella se realizar por meio de um deposito, do mesmo modo que a Gatling, como por meio de uma cadeia sem fim, semelhante ás fitas-cartucheiras hoje em dia usadas em muitos systemas de metralhadoras. O primeiro disparo da arma de Plesner se verificava á mão; os outros, porém, se succediam pela rotação impressa a um eixo pelos disparos anteriores. Ao seu sistema denominava o inventor de «piro-neumatico».

Assim que se divulgaram estes interessantissimos trabalhos, Weigand e Plöenies, commandantes de exercito de Hesse e distintos especialistas em questões de armamento e tiro, vieram a publico para declarar (*Deutsche Gewehrfrage* — Darmstadt, 1872) que seguramente se approximava o dia do advento de modelos de armas em que as operações de abrir, fechar e carregar a camara se effectuariam com a cooperação dos gazes con- sequentes á deflagração da carga.

A invenção de Plesner seguiu-se, em 1872, o aperfeiçoamento, por Bailey Protter, das fitas-cartucheiras, para metralhadoras.

Em 1877, Fasoldt e Savage tiram privilegio para um fuzil automatico, em que os gazes, actuando no fundo do estojo, abriam a camara. Os inventores reivindicavam particularmente o processo de ejecção do estojo, pelo recuo automatico da peça de fechamento.

Afóra as armas premencionadas, construiram-se outras, igualmente automaticas, mas cujos mecanismos, em vez de

funcionarem pela reacção dos gazes, funcionavam pela força de uma mola contida na culatra, como o systema Rees, ou pelo accão da gravidade, como no systema do relojoeiro Brausewetter.

A arma de Brausewetter só funcio- nava automaticamente quando tinha de- terminada inclinação.

2—Vem a tempo assinalar aqui — por que se veja quanto é velha e generalizada a oposição ao novo — que enquanto esses infatigaveis inventores se antecipavam á sua epoca com a apresentação de armas quasi irrealizaveis, bem numerosos eram, por toda a parte, os que sahiam a campo para dar combate a toda novidade technica que se divulgava.

Ponhamos exemplos no ponto tocado, «porque exemplos declaram muito», como diz Vieira (*Arte de furtar*, n. 127). E seja o primeiro delles o que nos fornece um coronel suíso.

Vinte annos depois do apparecimento do fuzil de agulha, proclamava este offi- cial, em uma reunião, que «nunca um atirador iria á campanha com um fuzil de rotrocarga». E o mais notavel é que dos cento e vinte officiaes presentes, cento e dezoito se manifestaram de acordo com a prophecia.

Após a campanha de 1864, dizia o commandante dinamarquez Jonquieres que, provavelmente, volveriam de futuro as armas de antecarga a se avantajar ás de retrocarga.

O famoso general Dragomiroff che- gava ao ponto de considerar por cousa não só secundaria, mas até nociva, as novidades technicas. A pagina 62 do seu primoroso livro traduzido para o francez sob o suggestivo titulo de *Quelques leçons de la triste expérience de la guerre russe-japonaise* (¹), diz o general Martinov, valioso ex-commandante do 140 regimento de Zaraisk, que quando se inventou o fuzil de carga multipla, Dragomiroff, insurgindo-se contra o rearmamento de exercito russo, escrevia: «Nova miragem militar acaba de se levantar na Europa — os fuzis de deposito. A França, a Alemanha, a Austria e a Italia já os adop-

(¹) Poucos annos faz, s. ex. o sr. general Tasso Fragoso, se me não engano, traduziu, e publicou na revista *Marte*, algumas paginas desse trabalho de Martinov, então desconhecido, senão de toda, da grande maioria de officiaes nossos.

taram; não o devemos fazer tambem? De acordo com a logica do rebanho de Panurgio, é preciso que os adoptemos; pois se os adoptou a Europa, porque razão não o faremos nós? Trata-se da Europa, e já na infancia nos ensinavam sempre que, sem os allemães, não ha, para nós, salvação possível». De «ignicolas» era como chamava elle, desdenhosamente, os partidarios do novo fuzil.

«Por felicidade», diz Martinov, para finalizar, «por felicidade, dessa feita a

logica do rebanho de Panurgio é que triumphou e as armas de deposito foram introduzidas em nosso exercito, ainda que com consideravel atraço. Bem arranjados estariamos nós se, com todas as outras falhas, tivessemos entrado em campanha com um fuzil de carga simples»!

João Pereira de Oliveira

1.º Tenente

(Continúa)

O methodo dos casos concretos

Que é doutrina de guerra? Como se pode adquirir-a? E' um erro suppôr que uma doutrina de guerra se possa condensar n'um certo numero de paginas. Não. Semelhante doutrina é o resultado de um estado particular psychologico, junto de pacientes trabalhos e de exercícios dirigidos convenientemente. Dizer que um official possue o senso tactico equivale a reconhecer nelle a valiosa faculdade de tomar decisões adequadas ás circumstancias em qualquer situação. Não são, pois, os principios theorecos, em uma serie de regras que constituem a doutrina. Existe, na verdade, um certo numero de principios, baseados na experienzia e observados pelos mestres, que constituem verdadeiros «pontos de doutrina», nos quaes se pode reconhecer o valor de verdades scientificas. Destes principios pode se deduzir numerosos corollarios, cuja investigação é inutil, porquanto elles surgem espontaneamente do estudo da critica historica e dos trabalhos de applicação. De qualquer forma, porem, todos os principios e seus respectivos corollarios podem se resumir n'uma palavra: vanguarda!

A noção de vanguarda domina todo o scenario tactico e estrategico. E, isso é tão certo, que um official em presença de qualquer situação, não commetterá falta grave de applicação, si se preocupar de antemão com a questão da vanguarda. Mas, para que uma situação seja consi-

derada sob todos os seus aspectos, não basta preocupar-se unicamente com a necessidade e missão da vanguarda. Os problemas oriundos da arte da guerra, oferecem dados relativos, em oposição aos dados absolutos da mathematica.

A natureza dos factores que entram em jogo, permite attribuir-se a cada situação um «caracter proprio», o que equivale a dizer, que na guerra não ha senão «casos particulares». Por conseguinte, si por um lado os principios como as 7 notas musicaes são reduzidos, simples, elasticos, tem se, no entretanto, que levar em consideração as variantes que caracterisam cada situação. Entre estes dois extremos (principios geraes, applicados a casos particulares) si interpõem os «conhecimentos technicos», que permitem esta mesma applicação. Estes conhecimentos technicos, sendo todos de origem experimental, constituem por assim dizer, os «materiaes de construcção», que permitterão edificar, em cada caso particular, a solução, que melhor corresponda ás exigencias da situação. Por conseguinte, para se resolver com elevação e rapidez alguns destes problemas de guerra, não basta nem o preparo nem o talento. Tem que se levar em consideração outras qualidades indispensaveis, que emanam do caracter e da experienzia pessoal. A firmeza de caracter, mais ou menos innata, se desenvolve graças á educação e ao exercicio do commando em todos os

gráos. Quanto á experientia pessoal, antigamente, nos tempos de constantes e prolongadas campanhas, podia se adquirir-a directamente, porem, hoje isto não é possivel. Mas o facto é que todos os officiaes necessitam desta experientia.

Trata-se, pois, de encontrar um metodo de educação militar que substitua a experientia real da guerra, por outra que, embora artificial, seja susceptivel de produzir resultados equivalentes. Tal é a grande questão. Será isso possivel?

Não será uma chimera pretender-se adquirir artificialmente, graças a uma cultura intensiva, a verdadeira experientia, fructo de annos e annos? Não. Qual é, então, este metodo? Em que consiste elle? E' o metodo dos «casos concretos», intimamente relacionado com a «theoria dos reflexos», tal como é admittido hoje, pela maioria dos psychologos. Com efecto, está provado que o automatismo das operaçoes intellectuaes, em presença de um caso concreto por resolver, pode adquirir uma grande perfeição. Nem o escriptor, nem o orador, com efecto, procuram as ideas e palavras; ellas se offerecem naturalmente á sua inspiração.

Igualmente, o chefe militar necessita desta faculdade eminente para poder, com um golpe de vista, resolver qualquer situação, sem perder muito tempo. O mecanismo da operaçao pode se explicar assim: a vontade e a attenção determinam os pontos sobre os quaes deve se exercer a actividade cerebral e depois «os reflexos» necessarios se combinam, surgindo uma adaptação excellente ao caso, que é a inspiração. A intelligencia devidamente cultivada, pela instrucção e o caracter devidamente robustecido pela educação desempenham papeis differentes na inspiração: a intelligencia accumula os materiaes de construcção, enquanto que a vontade ordena o seu emprego. O automatismo dos reflexos cerebraes se encarrega do resto. As precentes noções psychologicas, por si mesmo, naturalmente aconselham o metodo, mais conveniente ao desenvolvimento do automatismo dos reflexos cerebraes. Uma vez armazenados no cerebro as ideias geraes e os conhe-

cimentos technicos, convem exercitar a intelligencia e a vontade, resolvendo uma serie de casos concretos.

Com estes exercícios repetidos frequentemente, augmentar-se-á a potencia dos reflexos, conduzindo os officiaes a diminuir o tempo de reflexão, a «sentir» por assim dizer, em vez de «julgar» e obter tanto melhores resultados quanto mais expontaneos forem.

Este metodo, porem, não deixa de ter os seus inconvenientes; exigir sempre um educador competente, pois a menor falha teria como consequencias, reflexos defeituosos, mas vê-se que isso depende menos do metodo em questão do que do instructor. Este metodo, exige, pois, que toda a solução seja acompanhada de uma critica, visando não só a forma mas tambem o fundo.

Excellentem em si, peccata, no entanto, n'outro ponto, não cogita das forças moraes. Conviria, pois, completal-o por meio de investigações historicas encaradas especialmente sob o ponto de vista psychologico, apresentando a guerra moderna tal qual é «un drame effrayant et passioné».

Em resumo: O metodo dos casos concretos occupa o 1º lugar entre os processos de educação e instrucção militares, adoptados tanto em Paris como em Berlim. Semelhante metodo destinado ao desenvolvimento dos reflexos uteis, exige da parte do professor um labor e uma actividade consideraveis, mas em compensação produz resultados surpreendentes.

Resta, agora, uma pergunta: poder-se-á applicar este metodo a toda especie de trabalhos militares? Esta é a nossa convicção, de accordo com um dos maiores psychologos dos tempos modernos, que definiu a educação em geral como sendo a arte de fazer passar o consciente ao inconsciente.

(Da «Doctrine Française de la guerre, do Marechal Foch»).

Rinaldo Pereira da Camara,

1º Ten.

O Tiro em marcha do Fusil Metralhador

(Extracto de um artigo publicado no «Boletim Belga das Sciencias Militares», pelo general Buisseret)

(Continuação)

II — PROCURA DE RAJADA OPTIMA.

Para julgarmos do valor relativo dos fogos executados em marcha, levaremos em conta:

1º — A velocidade pratica do tiro, ou mais simplesmente, o numero de cartuchos que seriam queimados num determinado percurso;

2º — A justeza do tiro, elemento dado pelas porcentagens obtidas;

3º — O efecto util do tiro, resultante da combinação dos dois elementos precedentes: numero de balas postas no alvo no curso do trajecto effectuado;

4º — O efecto moral produzido pelo crepitante da arma e estalido da bala, capaz de impressionar o adversario sem que tenha sido attingido.

a) Efecto util dos tiros.

1. — Tiros seguidos imediatamente de lances curtos e rápidos.

Para este genero de tiro, o homem faz um lance de alguns metros em passo de gymnastica, pára, toma a posição ligeiramente agachada e executa a rajada; faz um novo lance e continua do mesmo modo até o fim da progressão.

Os lances não podem ser muito longos, sob pena de acarretarem interrupção do fogo, nem podem ser muito curtos porque a progressão das tropas de assalto se tornaria mais lenta e mais difícil. Considerando-se com uma amplitude media de 15 passos, cada lance sendo seguido dumha rajada, o efecto util do tiro tem por caracteristico $\frac{7,28}{100} \times 23 = 6,50$.

2. — Tiro intermitente. O homem actúa sobre o gatilho de modo a obter a par-

3 passos = 5 cartuchos; 3 passos
 3 passos = 5 cartuchos; 3 passos
 3 passos = 5 cartuchos; 8 passos
 3 passos = 5 cartuchos; 3 passos
 3 passos = 5 cartuchos; 3 passos
 3 passos = 5 cartuchos.

tida do tiro no momento em que o pé esquerdo toca o solo; a cada dois passos, elle queima, portanto, um cartucho.

Para que possamos referir-nos ás porcentagens estabelecidas comparativamente aos tiros a pé firme, executados nas distancias de 80 e 50 metros, consideremos a progressão entre essas duas distancias.

Fazendo o homem o passo alongado de 0,º 80 de amplitude, esta distancia é transposta em média em $30:0,^m80 = 38$ passos, queimando-se 15 cartuchos; o tempo decorrido para vencer os 8 passos supplementares deve ser considerado como sendo consagrado ao carregamento da arma.

3. — *Rajadas de dois tiros.* O homem executa a rajada no momento em que o pé esquerdo toca o solo; pôde renová-la a cada dois passos, sem nenhuma dificuldade. Deste modo terá de carregar a arma depois de um percurso de 16 passos.

O carregamento exige o tempo necessário para fazer 8 passos em media; ficam, então, $38 - (16 + 8) = 14$ passos a transpor, tempo que permite que se queime 14 cartuchos.

Total dos cartuchos consumidos: $15 + 14 = 29$.

4. — *Rajadas de 3 tiros.* Em 4 passos queima-se os 3 cartuchos e a rajada seguinte é preparada. O homem chega assim a consumir seus 15 cartuchos no decurso dos 20 primeiros passos, effectuando o carregamento durante os 8 passos seguintes e dá 9 tiros durante os ultimos 10 passos.

5. — *Rajadas de 5 tiros.* O atirador dá os 5 tiros num percurso de 3 passos, e prepara a rajada seguinte durante os outros 3 passos.

O processo da operação é, então, o seguinte:

para preparar a rajada seguinte.
 para preparar a rajada seguinte.
 para o carregamento da arma.
 para preparar a rajada seguinte.
 para preparar a rajada seguinte.

Num total de 38 passos, são queimados 30 cartuchos.

6 — *Rajadas longas de 7 a 8 tiros.* O tiro com 8 cartuchos executa-se num percurso de 5 passos, sendo necessários 4 passos para preparar a rajada seguinte. A combinação do fogo e do movimento exige, pois, um consumo de 30 cartuchos.

7. — *Tiro á vontade.* Cada homem executou um tiro dito «á vontade». O tiro devia assim se regular: o homem partia da distância de 100 metros executando um tiro de 2 cartuchos a cada 2 passos. Depois de alguns passos admittia-se uma tentativa de reacção inimiga pelo fogo e executava uma rajada (curta ou longa segundo sua inspiração); partia de novo, supondo-se que a reacção malograssasse, e prosseguia desse modo até á abordagem. Os resultados foram pouco encorajadores. Seria necessário um longo treinamento para iniciar o homem neste género de fogo, o único, entretanto, verdadeiramente apropriado ás reaes circunstancias da luta.

b) *Efeito moral dos tiros.*

O tiro intermitente não é suficientemente nutrido para intimidar fortemente o defensor. O resultado é quasi que unicamente material.

Os tiros continuos em rajadas longas impressionam mais, porém os intervallos entre as rajadas permitem que se determinem muito facilmente o começo e o fim de cada uma, ficando assim muito atenuado o efeito moral.

As rajadas de 2 tiros a cada dois passos dão de algum modo a impressão do fogo continuo, sem outra solução de continuidade que a resultante da necessidade de carregar a arma.

c) *Conclusões.*

1º — As rajadas de 2 tiros a cada 2 passos realizam o efeito util quasi maximum; seu efeito moral é muito serio.

Este género de tiro apresenta a vantagem sobre todos os outros, de não expôr muito a arma a accidentes imprevistos.

Pelo pequeno numero de cartuchos queimados permite evitar o aquecimento rápido do cano, achando-se, assim, perfeitamente adaptado ás possibilidades techniques do F. M. actualmente em uso.

2º — O tiro seguido imediatamente de lances curtos e rápidos, com rajadas longas, proporciona serios resultados de ordem material e moral; as circumstancias

da luta permittirão julgar da possibilidade de seu emprego. Entretanto, elle enerva o atirador, motivo pelo qual preferimos o tiro em rajadas curtas, de algum modo continuo, no qual o homem prosegue a accão como que impulsionado pelo movimento adquirido.

3º — O momento do carregamento da arma constitue a crise da operação. No sentido de reduzir ao minimum este inconveniente da interrupção do fogo, seria util que os F. M. fossem conjugados dois a dois, sustentando-se mutuamente.

III. — TECHNICA DO TIRO EM MARCHA DO F. M.

A. — *Suspensão da arma.* O peso da arma, a necessidade de poupar as forças do homem, de auxiliar-o no sentido de manter e dirigir sua arma, fazem da suspensão desta, para o tiro em marcha, um ponto capital: o meio mais simples de suspensão será o melhor.

Mas convém prever o caso em que o fuzileiro, detido pela reacção inimiga, se veja obrigado a unir-se ao solo e executar imediatamente o fogo na posição deitada. E' facil avaliar a dificuldade que experimenta o fuzileiro para collocar-se nesta posição com a arma suspensa, mesmo com o auxilio de uma bandoleira distendida.

Ora, a bandoleira parece ser o único meio verdadeiramente pratico de auxiliar o fuzileiro em marcha; convém, por isso, dotal-o de uma, que possa ser fixada e desprendida facilmente, sem perturbar o atirador no momento em que deverá executar o fogo na posição deitada. O meio mais simples parece consistir em adaptar um gancho na extremidade da bandoleira regulada para a altura do atirador.

Suspensão em bandoleira, o F. M. repousa naturalmente e pode ser manejado sem esforço. Convém, pois, não complicar o sistema de suspensão com o emprego de quaesquer outros accessórios de apoio, que são mais prejudiciaes que uteis.

O fuzileiro deve ser provido dum cinturão sem cartucheiras para não embarrigar os seus movimentos nem prejudicar a posição da arma.

B. — *Posição da arma.* Certas posições apparentemente vantajosas, quando se trata de executar tiros a pé firme, têm mostrado serios inconvenientes para a

execução dos tiros em marcha. O que é essencial é conseguir para a arma uma posição que deixe ao homem a liberdade de movimento sem lhe occasionar fadigas exageradas, e que lhe permita repartir seu fogo sobre a frente inimiga e assegurar o carregamento com facilidade.

C. — *Execução da marcha.* Executa-se a marcha levando o alto do corpo para frente, em passo alongado, cadencia tão viva quanto possível; atitude energica; olhar fixo sobre o objectivo. Evita-se a oscilação do corpo, que teria como consequencia uma dispersão do tiro.

O primeiro municiador marcha á direita do atirador prompto para auxiliar o carregamento ou para intervir quando se dér qualquer accidente.

D. — *Modo de accionar o gatilho.* Para o tiro em marcha, o atirador actúa sobre a tecla do gatilho no momento em que o pé esquerdo vai tocar o solo, evitando girar o corpo e continuando a observar o objectivo.

O tiro em rajadas de dois cartuchos executa-se accionando successivamente o gatilho como si se tratasse de tiro intermitente. Mesmo empregando esse tiro, a arma deve estar preparada para rajadas de maior numero de tiros si se apresentar occasião.

As rajadas são feitas sem interromper a marcha, tendo o atirador a unica preocupaçao de manter sua arma em direcção e observar os tiros.

CONCLUSÕES

1º — Materialmente a execução do tiro em marcha com o F. M. não apresenta dificuldades especiaes. Todavia, sendo essa arma muito delicada e sujeita a desarranjos, esse genero de tiro exige um adestramento especial do pessoal, só conseguido por meio de numerosos e frequentes exercícios.

2º — No uso dos fogos tem-se que levar em conta as possibilidades technicas da arma, afim de evitar os imprevistos de sagradaveis.

3º — O efecto util dos fogos executa dos em marcha é em parte diminuido pelo tempo gasto no carregamento da arma.

Em resumo: o tiro em marcha do F. M. deve ser estudado, pois seu emprego pode proporcionar o successo e poupar muitas vidas.

Sua execução é relativamente facil, e as experiencias feitas no campo mostraram que, com um pouco de treinamento, o seu rendimento é muito apreciavel.

Na ultima phase do combate, quando a artilharia e os engenhos não podem mais intervir, só o F. M. permitirá que se aborde um inimigo tenaz. O que se pôude obter em 1918 com fuzis ainda imperfeitos, poderá amanhã ser exigido de um F. M. mais aperfeiçoado.

E. Dutra.

ESPECIALIDADES E ESPECIALISTAS

No meu ultimo artigo «Delenda Carthago» escrito em Dezembro p. findo, e por falta de espaço, só agora publicado, promettia tratar do assumpto «especialidades e especialistas».

Já se vê que me refiro aos de minha arma — artilharia de campanha — cujas necessidades ausculto constantemente, sentindo-lhe as pulsações desordenadas, a que fica obrigada pelo desbragamento mais ou menos carnavalesco de certos *effectivistas*, *donos de corpos ou senhores de senzalas*.

Tratemos dos *especialistas*, — *praças de pret*.

Corre pelo cerebro atravancado (si é que cerebro ainda possue) de muita gente

a idéa profundamente genial de que as denominações de *serralheiro*, *telephonista*, *signaleiro*, são palavras sonoras e bonitas postas nos quadros de efectivos unicamente com o escopo altamente louvavel de agradar ao ouvido e preparar o efecto.

Sinão vejamos: O cabo X. é ignorante... perdão escapou-me irreverentemente tal palavra pouco delicada!...

O cabo X (dizia eu) é... como direi... pouco amante destas coisas *enfadonhas* e *grosseiras* de *pegar na palamenta!*,... *deriva tanto e tanto!*, *testa, cortar o pica-deiro!*, etc.... seu espirito altamente culto na admiraçao das cousas bellas não se atem ao terra-terra dessas concepções mes-

quinhas; elle sabe fazer sonetos, para que preoccupar-se pois com taes mesquinharias... *de guarda, cabo de dia, etc.?*!

Procura uma pessoa da familia do cmt., mostra-se gentil,... conta-lhe seus soffrimentos de homem de cerebro, sujeito á ignominia inqualificavel de ser cabo apon-tador (geralmente já foi reprovado no concurso para 3.^o sargento) e, ao chegar o homem em casa, ouve da esposa ou da filha o pedido de «transferir para o estado-menor, como telephonista o cabo X».

No dia seguinte: não se consulta o cmt. da bia., o qual apertava com o cabo X, moço elegante, porque achava-o o mais relapso e o mais ignorante dos seus graduados, nem o ajudante que não o desejava no seu estado-menor, nem ao official das transmissões que se interessava pelo recruta Z, que elle estava preparando, e o qual, na vida civil, era empregado numa companhia telephonica.

Prompto está X installedo na vida com o titulo de *cabo telephonista*, coisa semelhante ao de *barão do Agua-pé, visconde das tres forquilhas*, — um nome sonoro, um titulo nobiliarchico — uma coisa de enfeitar e não uma denominação decorrente de uma função.

De telephonia elle só sabe fallar com a namorada, pedindo um certo *meia duzia*, qualquer coisa, etc.... e, acresce que não aprenderá porque não quer, porque não deseja e porque o official das transmissões não terá coragem de se indispôr com a filha ou com a esposa do chefe, o que será peor do que fazel-o com o proprio senhor.

Assim pois o cabo X ficará a seu sabor... não dará mais guarda... nem cabo de dia, poderá dormir até ás 8 1/2 e sobretudo estará *livre da instrucção*...; attingio o paraizo, arranjou uma situação parecida com as que obtem os tenentes no material bellico, nos collegios militares ou nos G.

Ha no regimento um pelotão de candidatos a cabo ⁽¹⁾.

(1) Os factos que eu narro são sempre reaes, absolutamente reaes, não são apenas a photographia do que ocorre geralmente... Para dar-lhe mais vigor... realce mais nitido vou arrancal-los a desmandos que eu tenho presenciado, ou que um camarada distinto, com alma esphacelada; assim, com toda fidelidade me haja referido sem exageros, apparece um caso que é absolutamente semelhante a muitos outros que ocorrem algures.

Um commandante criterioso e capaz, organizou-o com o louvavel intuito de prover as especialidades com especialistas na sua altura.

Um official bem intencionado dá o melhor de seus esforços para ensinar aos homens; uns se destinam a cabos artilheiros — conhecem muito bem o serviço da peça e as multiplas funções, outros aprendem-nas menos detalhadamente, porem augmentam seus esforços no conhecimento do canhão — serão destinados ao material bellico e a armeiros (estes tambem aprendem a função de serralheiros).

O veterinario e o medico, de bôa vontade preparam um certo numero de candidatos que vão disputar os logares de cabo enfermeiro, ferrador e veterinario.

Os homens, cerca de cem, sentem-se estimulados, se esforçam, correspondem plenamente ao incitamento que lhes dá o official.

Todos elles procuram se aprimorar na escola regimental.

Sac o chefe distinto, reassume o cargo um qualquer polichinelo de galão.

Ha no corpo um velho soldado reengajado, bebedo, insubordinado e nullo, mas que... é ordenança do Chefe... carregalhe o filho na deanteira do cavallo..., compra flores e fitas a mandado da filha do homem e ovos e gallinhas por encomenda da esposa!!!...

Faltam 4 ou 5 dias para se realizar o concurso, o *autocrata* chega no quartel e, com um cynismo que atordôa e uma ignorancia que abysma *finca* no boletim mais ou menos o seguinte: «Estando esta unidade em periodo de *organização* promovo a *cabo ferrador* o soldado F.... sem concurso, visto não haver outros com habilitações» ⁽²⁾.

Representar — queixar-se?!!! «la raison du plus fort c'est toujours la meilleur...».

Resultados:

1.^o Immoralidade, desprestigio do chefe corrupto e do official esforçado cujas promessas viraram bolha de sabão.

2.^o Desencorajamento dos homens que iam disputar dignamente o lugar almejado.

3.^o Um graduado incapaz... um ferrador que de ferraduras só merecia que lh'as applicassem, caso os seus pés guardassem as mesmas identidades que o cerebro.

(2) A tal unidade já estava organisada ha mais de trez annos.

Vamos agora aos sargentos.

Foram creados o 1.º e 2.º sargento das transmissões.

Prompto — ha um 2.º sargento quasi tão ignorante como o celebre *cabo ferror* mas coitado... a senhora delle é tão bôasinha; elle tem tantos filhos, e sobretudo, não dá para este «*negocio de bateria*», alem do que «*tem bôa letra*» e pôde passar a «trabalhar na secretaria».

Não ha duvida!... é uma bella idéa... o homem recebe logo o *titulo* de 1.º sargento das transmissões e a correspondente *pensão*.

O 2.º sargento de igual capacidade, foi tambem escolhido e retirado de uma bateria, onde elle ás vezes é o unico 3.º sargento, porque tem especiaes habilitações de... *dactylographo* (dos que escrevem com um dedo só); d'ahi em diante elle passará a *transmittir* a unidade, por meio de artigos de boletim, as sapientissimas determinações com que o chefe esmaga os regulamentos e estraçalha a grammatica.

Sobre telephone, T. S. F., painéis, etc.... nada disto é preciso!!... «é *metter o cartucho no canhão e tocar-lhe fogo...*» e... enquanto isto o especialista se especialisa, cada vez mais, em escrever officios cheios de asneiras, por causa de qualquer toleima.

*

Vejamos agora os officiaes.

Houve, ha douos annos, um curso de transmissões e um outro de official orientador.

Infelizmente nelles não foram contemplados os officiaes de muitas regiões; convindo lembrar principalmente os do Rio Grande do Sul.

Mas como os quadros prevêm estes cargos, já, certos chefes sequiosos de distribuir *títulos nobiliarchicos* foram transferindo das baterias para elles os tenentes X, M, etc.

Taes officiaes estimaram, e alguns talvez solicitaram, tal *corredorsinho* para escapar-se ao indeclinavel dever de instruir seus soldados na bateria.

E' verdade que elles têm tambem o dever de preparar as praças especialistas, porem a isto «*fogem facilmente com a garupa*» argumentando:

1.º que não possuem os conhecimentos necessarios (³);

2.º que os sargentos G e H... são necessarios na *Casa da ordem* (⁴).

Urge restabelecer estes cursos e chamar *compulsoriamente* a elles, officiaes principalmente do Rio Grande do Sul.

E' preciso que não haja mais *officiaes das transmissões* que não sabem *transmittir* coisa nenhuma (⁵); e que ainda não estabeleceram nitidamente a diferença entre um circuito telephonico e um painel de signalização; assim como de artilleiros que confundem uma molhelha com uma haste de alongamento.

E' preciso que não haja mais *officiaes orientadores*, que confundem *declinatoria* com *direcção referencia*, não sabendo, sinão depois de muito hesitar, para que servem taes coisas, uma das quaes, a seu vêr, é uma agulha *maluca e teimosa* e outra uma linha *sem serventia*.

Terminando, é preciso substituir os *officiaes desorientadores* por verdadeiros *officiaes orientadores*.

Acabemos com a comedia, com a pantomima, com a *efficiencia por hypothese*, e lembremo-nos que, quando vierem os negros, tristes e afflictivos dias de guerra, nada se poderá fazer de util, de verdadeiro, de sabido, de coordenado, porque durante a paz... se descansou e se fez officios...

Que quando sobre nós se desencadearem estes terríveis e negros dias, que serão de derrota (⁶), de vergonha e de miseria, caia todo o sangue inocente dos soldados que iremos sacrificar criminosamente, sobre as cabeças dos que fizeram e dos que permitiram que se fizessem, durante a paz, estas e outras ignominias.

Luiz A. Correia Lima.

Cap.

(³) Si tal anomalia não fosse dolorosa e immoral, seria extremamente jocosa e pediria gargalhadas sobre o ridiculo do especialista e a toleima de quem o nomeou.

(⁴) Perdoem-me o atrevimento iconoclasta, os senhores da burocracia, mas geralmente tal *cafundó* devia chamar-se *casa de desordem*.

(⁵) A's vezes mesmo o proprio pensamento.

(⁶) Tenhamos a coragem de dizer o apezar de gragearmos titulos pouco amaveis.

O Serviço de Subsistência e o do Reabastecimento Nacional nos Exercitos

Nas forças armadas bem organizadas estes dois serviços se conjugam por tal modo que impossível se torna desarticular os sem grave dano das operações militares da *Nação em armas*.

O objectivo principal da Intendencia da Guerra é prover as tropas de todos os elementos necessários à vida dos homens e animais — enquadrados nas diversas *Unidades* e *Serviços* — e bem assim do combustível e ingredientes vários imprescindíveis ao funcionamento regular do copioso material, que acompanha os Exercitos.

A importância dos Serviços, que nos servem de epígrafe, pode ser aquilatada pelos valiosos depoimentos dos mais famados cabos de guerra. No seculo XVII, Gustavo Adolpho dava grande atenção e cuidados ao problema da alimentação de suas tropas: subsistencias por armazens fixos ou rodantes, exploração dos recursos locais ou ainda alimentação fornecida pelos habitantes; tal a preparação e a organização methodicas observadas, durante a guerra dos Trinta Anos, no Exercito do herói de Lutzen.

Frederico II, no seculo XVIII, exercita as normas firmadas por Gustavo Adolpho, dest'arte ganhando sobre os adversários colligados — que se gastavam na prática do saque ou em requisições extorsivas — bellas vitórias, de que Rossbach é laurel imperecível.

A fim de bem garantir a segurança de suas linhas de etapas e dado o fraco efectivo do seu Exercito, o grande Capitão adopta linhas de operações curtas, o que lhe facilita os movimentos e lhe dá superioridade sobre o inimigo.

Eram as lições de Gustavo Adolpho e do Marechal de Saxe que lhe guiavam a directriz guerreira neste lance!

No seculo XIX vemos o mestre sublime da guerra — Napoleão I — imbuido da mesma solicitude em prol da subsistência de suas tropas.

Em as memoráveis campanhas de 1796, 1799 e 1805 o seu Exercito duramente curtiu os efeitos desastrosos da falta de preparação e organização prévias do Serviço de Reabastecimento ás tropas, as quais tiveram de supportar a fome, o frio e todo um cortejo de penurias; as

deserções consequentes numeravam quasi sempre por mais de 50 % do efectivo, consoante testemunha Marmont.

Vale accentuar que a bravura, estoicismo, resignação e valor do soldado francez predominaram sobre as suas angustias e conduziram ao successo as combinações geniaes do grande *Côrso*.

Ao *Sol de Austerlitz* está ligado o nome do Intendente de Guerra Petiet, pelos ingentes esforços postos em obra afim de assegurar aos *grognards* o maximo de recursos, que era dado obter em tal conjunctura precaria.

Na 1.ª phase da campanha de 1806-1807 as tropas napoleonicas padeceram serias privações: a fome e o frio; a deserção foi enorme e o saque imperou em dilatada amplitude. Apesar de taes dissabores a victoria de Eylau conferiu laurea á galharda valentia dos franceses.

Estes ensinamentos mereceram aturada reflexão e estudo do destemeroso guerreiro, que, contando com a cooperação intelligente, tenacidade infatigável e iniciativa arrojada do Intendente Daru, consegue — durante a obrigada invernada — preparar os reabastecimentos indispensáveis ás operações futuras da campanha.

Decorrida a estação invernosa, decampa o Exercito afim de iniciar a 2.ª phase dessa celebre jornada bellica, tendo agora em seus armazens de campanha bastos recursos em viveres, forragens, etc.

Daru, operando brilhantemente no periodo do forçado acantonamento, vasa uma modelar exploração local, e, por arduos trabalhos, provê as tropas de todos os elementos vitaes.

Nas campanhas de 1809 e 1812 olvidado não foi esse problema capital; na 1.ª o reabastecimento realisa-se em condições magnificas; na 2.ª — a memorável campanha da Russia, essa «sublime combinação», asserta Clausewitz — o apetrechamento é tão completo que até hoje é citado como um dos mais bellos exemplos de preparação meticulosa e previdente organização dos reabastecimentos militares.

E' esse um dos mais fulgentes e notáveis florões da Intendencia da Gallia.

Odier — Intendente de Guerra que acompanhou o Exercito — teve o seu nome

vinculado a essa campanha, embora a carencia dos transportes, motivada pela perda de 8000 solipedes na regiao do Niemen, prejudicado houvesse, em parte, á fructuosa acção da Intendencia.

As campanhas de 1813 e 1814, dada a precipitação dos eventos politicos, não tiveram, neste particular, uma organisação digna de nota.

Entretanto, vale recordar as palavras de von Friederich — em sua obra «Historia da Campanha de Outono de 1813» — Si o reabastecimento (do Exercito de Napoleão I) já era completamente insufficiente durante o estacionamento, fallava quasi sempre de todo desde o momento do inicio das operações...

A fome afrouxou os laços da disciplina». O Marechal Ney, antes da batalla de Dennewitz, verifica a deserção de 6000 combatentes de suas fileiras em consequencia da fome reinante. Os Generaes Margaron e Kellermann empregam medidas energicas afim de evitar o triste espectaculo dos saques e todo o cortejo de suas violencias contra a população da Saxonia, cujos recursos já estavam esgotados.

Na de 1814, comquanto estivesse o Intendente Daru á frente dos reabastecimentos, o Exercito Francez viveu — opina Nony — de *contribuições e requisições*; as mesmas penurias foram repetidas, e bastante padeceram com elles as tropas napoleonicas.

As privações verificadas na 2.^a phase da campanha de 1859 — apesar dos transportes ferro-viarios terem facilitado os reabastecimentos — ficaram gravadas indelevelmente na memoria dos que soffreram os seus rigores na regiao do Tessino e no Chiesa. O General Trochu, em opusculo surgido em 1867, relata as vicissitudes de sua Divisão em consequencia da falta de methodo no reabastecimento.

Os allemães, na campanha de 1866, não obstante o triumpho de Sadowa, experimentaram angustiosas provações, conforme o testemunho sincero de von Verdy du Vernois: «Nós velhos officiaes de Estado Maior, fomos ás guerras de 1866 e 1870 com uma preparação mui deficiente, ou melhor, sem nenhuma preparação nesta materia (reabastecimentos) e em mais de uma occasião a tropa o terá sentido cruelmente» (Carta a Von François) De magistraes ensinâncias é fertil a campanha de 1870-71.

726

Os franceses não estavam apparelhados com os recursos de reserva, que deveriam estar stockados desde o tempo de paz; os allemães, diante da lição de 1866, possuam relativamente, fortes stocks em seus armazens de subsistencias.

O Exercito de Chalons (Mac Mahon) curte provações crueis em virtude da falta de ordem e methodo no «movimento dos aprovisionamentos» e na exploração dos recursos locaes: «En réalité on vit de maraude, alors que les aprovisionnements et les richesses locales étaient suffisants pour éviter toutes privations».

Von François salienta que as subsistencias do Exercito Allemão, a despeito dos ingentes esforços da Intendencia — deixaram ainda a desejar relativamente ao methodo: — o grande empachamento de viveres sobre certas zonas do Rheno; a falta de ordem no aproveitamento dos elementos de navegação nesse rio, cujo rendimeno foi inferior á sua efficiencia real, determinaram perdas de recursos valiosos.

O cerco de Paris nos revela a vantagem e necessidade da preparação e organisação das subsistencias e reabastecimentos das tropas. Commandada pelo notavel General Trochu, estava a praça de Paris ameaçada de investimento em face dos desastres anteriores do Exercito Francez.

Previsto o sitio da praça, todas as providencias para o seu reabastecimento fôram dadas e os Intendentes Danlion e Perrier assentaram as medidas concorrentes ao fim visado. O notavel Intendente Perrier — dotado de uma invejável iniciativa — adquire em tempo os viveres e recursos necessarios ás subsistencias da praça, que assim escapou ao flagello da fome.

Esse gigantesco trabalho do Intendente Perrier mereceu justo apreço, quer na Revista Historica Franceza quer em conhecido livro dedicado «A gloria do Exercito Francez», que assim o exalta: «O verdadeiro heróe da defesa de Paris foi o Intendente Perrier». Apreciando os factos da guerra Russo-Japoneza, sentencia o General Falkenhausen, em seu livro. «A grande guerra da actualidade» —: «Si é difficult mover as grandes massas dos Exercitos actuaes e conduzil-as ao campo de batalha, todavia é, talvez, mais difficult provel-as de tudo que necessitam para poderem viver e com-

bater. Satisfazer as necessidades das tropas chegou a ser um dos maiores problemas da direcção dos Exercitos, e cuja solução precisa ser seriamente pensada e preparada até nos minimos detalhes».

Tal o eloquente merecimento do Serviço de Subsistência e o dos Reabastecimentos em campanha.

A ultima guerra (1914-1918) patenteia o acerto e a justeza dos conceitos expeditidos por Falkenhausen.

E' da sciencia de todos a gigantesca accão dos altos Commandos em prol dos respectivos reabastecimentos; o problema das subsistencias preoccupára e empolgára amplamente os espiritos dos responsaveis pela efficaz alimentação da *Nação em Armas*.

A França, antes da guerra de 1914, consagrava 37.000.000 de francos para os stocks de Subsistencias de tempo de paz das suas Estações Armazens; esses recursos de reserva de alimentação destinam-se — é sabido — a prover ás exigencias immediatas da mobilisação.

A Alemanha primava em telos completos.

*

* * *

Mas, cumpre ponderar, além das obrigações funcionaes do Serviço de Intendencia da Guerra respeito á tropa, outro dever lhe é imposto pela Nação, afim de attender ás necessidades vitaes da população civil acaso exaurida pelo inimigo nos seus haveres alimenticios, ou forçadas a evacuar a zona invadida pelas hostes adversarias.

A garantia de exito das subsistencias a serem enviadas á zona da *frente* (combatentes ou não) depende de um plano racional e methodico da exploração dessas possibilidades alimenticias.

E' preciso, a todo transe, reabastecer, pela *retaguarda*, a zona de accão dos Exercitos, o que não exclue absolutamente a exploração local nessa mesma zona.

Esse escopo é collimado pelo «Serviço de Reabastecimento Nacional», que visa o aproveitamento intelligent e methodico dos multiplos elementos economicos — agricolas industriaes, etc. — e condizente a uma efficiente e regular distribuição dos mesmos pelas diversas regiões do paiz, consoante suas necessidades reaes. Declarada a mobilisação, toda a vida economica nacional experimenta um enorme abalo, o qual se traduz por um deslo-

camento quasi repentino das massas da população de seus centros normaes para outras regiões, designadas como base de concentração. A França mobilisou, em 1914, 60 % de sua população agricola.

As medidas tomadas em face da mobilisação acarretam profundas modificações no regimen economico vigente, cumprindo, entretanto, assegurar — nessa conjunctura premente de formal desequilibrio — os reabastecimentos das massas mobilisadas, *concentradas* ou em *cobertura* nas fronteiras.

A solução desse complexo e difficult problem exige da Administração Militar uma capacidade real e experimentada, que só homens de grande actividade e competencia poderão levar a cabo.

Já dizia Napoleão I que os administradores militares deviam ser escolhidos «entre officiaes de valor comprovado».

A magnitude do problema do «Reabastecimento Nacional» sóbe de ponto ao averiguarmos as subitas altas de preços, de todos os artigos, manifestadas nessas phases *bellicas*.

Quer pela escassez dos productos, quer pela desenfreiada ganancia de comerciantes extorcionarios, cuja ambição de ganho lhes turba e abastarda até a propria noção elevantada de patriotismo — que é sotoposto ao lucro immoderado ou mesmo illicito — vemos as cotações das utilidades em majoração continua, e bas-
tas vezes sem motivo plausivel.

A lei da offerta e da procura é, então, ainda mais influenciada pelos baixos manejos dos açambarcadores inescrupulosos, pelos fraudulentos processos dos exploradores contumazes e por toda a sorte de especulações dos Mercurios cavillosos ou espurios que infestam os mercados nacionaes, visando a alta artificial das mercadorias.

Ha que ter mão nesses mercadores insaciaveis afim de lhes soffrear a cobiça desmesurada, e poupar á Nação gastos avultados com a aquisição dessas utilidades.

Aos cúpidos *atravessadores* ou *intermediarios* desabusados vale applicar, em beneficio do bem geral, medida coercitiva e contrastadora que os desengane de suas pretensões descabidas e impatrioticas.

O freio geral a esse desvario da permuta economica se contém na lei de requisições, a qual fornece á Administração

do Paiz os elementos cohibitivos de qualquer exploração damnosa aos interesses communs.

As retenções criminosas das mercadorias e os seus expedientes multiplos, postos em jogo para forçar a elevação vertiginosa dos preços, serão evitados se o governo adoptar tabellas officiaes de cotação dos artigos varios, o que terá fundamento racional em os stocks — conhecidos e fiscalisados pela Administração — dos productos existentes no mercado nacional.

Na guerra ultima, a França — além das medidas premencionadas — assentou a norma de importar por conta propria a materia prima para a factura de sua indumentaria. Combustivel, lã, algodão, etc., foram adquiridos pelo Governo e distribuidos aos industriaes factureiros — consoante a capacidade productora de suas fabricas — mediante a obrigação de ser

observada a tabella de preços, fixada pela Administração Militar, quer nas vendas communs, quer nos fornecimentos necessarios ás tropas.

Essa providencia, sobre conciliar os interesses do productor e do consumidor, teve o alto merito de banir de todo em todo as especulações, ao mesmo passo garantindo o rendimento maximo e o funcionamento normal das usinas factureiras.

A producção acima era contrasteada pelos Intendentes de Guerra, os quaes velavam pela fiel execução dos preceitos que visavam o emprego real da materia prima fornecida aos industriaes. Qualidade, quantidade e outros elementos complementares eram objectos de instruções ou regras correlatas.

Guimarães Junior.
Cel. Intendente de Guerra

(Continúa)

A batalha do Lys

Ha 6 annos servia no 6º R. I. em Caçapava, quando tive o coração dilacerado ao ler as primeiras notícias de terem os portuguezes soffrido um serio revez em ARMENTIERES.

Felizmente pelas notícias chegadas depois, verificou-se que o «revez» foi mais uma pagina de honra e gloria para o exercito portuguez.

O «revez» foi o formidavel choque levado a effeito no dia 9 de Abril de 1918, pelas forças allemães, contra o sector portuguez, sendo aquellas 8 vezes mais numerosas que as luzitanas.

Aquelle sector estava guarnecido pela 2.ª Divisão do C. E. P. commandado pelo general Tamagnini, sendo aquella comandada pela general Gomes da Costa. Já ha varios mezes que esperava a Divisão ser substituida por outra. Somente nas vesperas da batalha de ARMENTIERES ou do LYS é que veio a ordem de que ella seria substituida no dia 11 do mesmo mez.

Se a Grande Guerra tivesse durado mais alguns mezes, também chegaria a vez do Brasil ter concorrido com alguns contingentes afim de reforçar o «FRONT». — Estou convencido que iria acontecer

o mesmo que aconteceu aos nossos bravos irmãos luzitanos, isto é, iríamos ficar abandonados á espera das promessas inglesas e francesas, tal como ficaram os portuguezes.

Leia-se sobre isso o que diz o bravo general Gomes da Costa, em seu livro «A Batalha do Lys», tão justamente recomendado pelo coronel João Heliodoro de Miranda. E' de suppôr-se que os allemães, sabendo que no sector portuguez ia dar-se a substituição das tropas que lá se achavam, aproveitaram essa circunstancia, para darem o assalto, que foi precedido por forte preparação de artilharia, a qual durou trez dias, findo os quaes, os infantes allemães, formados em grupos sahiram das trincheiras debaixo da maior calma, e logo furiosamente atacaram os portuguezes e ingleses das Divisões vizinhas (a de n.º 55 e a de n.º 40).

Em um numero de «L'Illustracion» lê-se uma nota do proprio punho do marechal Foch «que os allemães romperam o sector ocupado pelas tropas portuguesas fatigadas». Isso é inexato, pois os allemães romperam a linha do norte do sector portuguez, em pleno sector guarnecido por ingleses, envolvendo depois o

sector portuguez. As forças portuguezas que defendiam a linha de frente, no sub-sector norte (FLANQUISSART), foram atacadas pela rectaguarda.

Os comunicados inglezes, insinuaram que as alas portuguezas retrocederam, motivo pelo qual se fez a penetração allemã. Dizem aquelles que a 55.^a D. Britanica — fôra forçada «a formar flanco defensivo em GIVENCHY-FESTUBART e LE TAURELLI para se defender da penetração allemã, pela brecha aberta nas posições portuguezas, que ficavam á sua esquerda».

Diz o general Gomes da Costa «Foi precisamente o regimento do flanco esquerdo da 55.^a Britanica que abriu caminho aos allemães e lhes permittiu envolver o meu flanco direito, forçando a retirar. Manobra analoga se deu á minha esquerda com a Divisão ingleza».

Infelizmente o telegramma do comando do Corpo Portuguez para Lisboa não foi de molde a contrariar o comunicado britanico, desejoso de salvar a honra das divisões 40 e 55, que os comunicados allemães tinham comprometido». (Da Batalha do Lys — cit).

O que é verdade é que os portuguezes defenderam á bayoneta o terreno palmo a palmo, isso até hoje pode-se vér, graças ao grande numero de sepulturas que existem no espaço ocupado pelos 100 e 170 de Infantaria, que guarneciam a 1.^a linha da ala direita.

Era esse espaço o do sub-sector, onde os allemães penetraram ás 8 h. na linha, onde a luta á bayoneta foi tremenda, encarniçada, principalmente com a 3.^a Cia. Na zona ocupada pelo 17^o Btl. é onde ha maior numero de lousas, pois o Btl. apenas ficou com 150 hs. dos 800 que tinha!... Isso tudo vem confirmar que os portuguezes se deixaram aniquilar no seu posto, não debandaram!...

Está mais que confirmado que os allemães varreram em primeiro lugar os inglezes, para depois atacarem os portuguezes pela rectaguarda.

E assim em todos os pontos da linha de frente pelo grande numero de sepulturas atestam os portuguezes como se bateram com valor encarniçado, — jamais pensaram em fuga!. Tal foi em LEVANTIE e PICANIN, que eram guarnecidos em 1.^a linha pelos 8^o e 20^o Btis.

Dos 750 soldados do 20^o apenas se salvaram 189!... Esse resto foi reforçar o

29^o Btl. que apoiava a ala esquerda até que se esgotando as munições se retira a passo. Falamos tanto em sepulturas... sim, pois enquanto que os franceses e ingleses tratavam com desprezo ou roubavam as glórias dos portuguezes, os allemães tão bravos como os portuguezes, mal terminou a batalha, piedosamente enterraram os cadáveres portuguezes e escreveram nas cruzes das sepulturas phrases como a seguinte:

«HIER RUHT
EIN TAPFERER PORTUGIESE:
RUHE SANFT».

(que quer dizer —) Aqui jaz um valente portuguez; descanse em paz.

Teve a 2.^a. Divisão do C. E. P., nesta batalha, umas 9.000 baixas, entre as quaes 327 officiaes.

Os portuguezes atacados de improviso e debaixo de forte nevoeiro, ainda tiveram que lutar sob um fogo de artilharia terrível, e com os gases asfixiantes.

A Divisão, que defendia uma frente tão difícil, soube resistir com extrema bravura, contendo o impulso do inimigo, retardando o seu avanço.

Os officiaes e soldados sustentaram o choque allemão; mas tendo esgotado a munição e achando-se completamente envolvidos, procuraram libertar-se, dando uma terrível carga de bayoneta.

Fracções luzitanas recusaram-se a render, luctando até cahir o ultimo homem.

Portugal escreveu nos baixios do Lys, uma das mais bellas páginas de sua história militar.

Os portuguezes, que se bateram em 9 de Abril de 1918 em Armentieres, mantiveram as mesmas tradições dos bravos que se bateram em Aljubarrota e Ceuta; na peninsula contra as glórias phalangas nepoleónicas, sob as ordens de Wellington, Silveira, Lecor e Saldanha; assim como os bravos da «Legião Luzitana» que encorporados ao exercito de Napoleão cobriram-se de glórias em Wagran e Moscow, na retirada da Russia, Lutzen, etc. sob o comando do general Gomes Freire o mais valoroso general portuguez dos tempos modernos. Honra e glória pois, á memoria dos nossos bravos irmãos portuguezes que com tanto valor morreram na Batalha do Lys.

São Paulo, 9-4-924

Amilcar Salgado dos Santos
1º T. do 4º R. C.

Um anno de instrucção (I. Q. T.) no 4.º R. A. M.

(Treichos do livro assim intitulado e notas)

(Continuação)

No fim de Dezembro a D. I. publicava a sua apreciação sobre as manobras do destacamento realizadas em Setembro de 1923 na região de S. Paulo-S. Amaro-Quitaúna, ahi determinava que cada corpo, utilizando-se dessa apreciação «e della extrahindo os themes necessarios a estudos tacticos e ao funcionamento dos serviços, mandará redigir as ordens relativas á sua arma... O programma geral desses exercícios ser-me-á submettido até 1.º de Janeiro. Todas as ordens estabelecidas ser-me-ão igualmente encaminhadas até quinze dias depois de sua redacção. Esses exercícios substituirão no corrente anno os por correspondencia, previstos no R. I. Q. T.».

Quanto ao programma o R. já tinha encarado o problema, bastou que se reportasse ao plano atraç transcripto. Em vez das 3 ou 4 sessões foram effectuadas nove. E com ellas foram associadas outras tantas de estudos particularizados de diversos regulamentos, á proporção que vinham ao caso: R. G. U., R. S. C., R. E. I., R. E. A., R. O. T., R. Pontes, R. S. S. em Campanha.

*

Bol. R. de 7-12-23:

INSTRUÇÃO DOS OFFICIAES. REGISTO:— Revigora-se a ordem dada pelo art. 13.º do Bol. R. de 24-1-23, com uma

Para os tenentes:

2.º feiras — Gymnastica e esgrima ...	15,30 — 17,00	15,30 — 17,00
3.º feiras — Equitação	15,30 — 17,00	15,30 — 17,00
4.º feiras — Topographia	14,30 — 17,00	15,00 — 17,00

Para todos os officiaes:

5.º feiras — Instrucção theorica	9,10 — 10,40	9,40 — 10,50
6.º feiras — Bia. de alarme	6,00 — 9,00	6,30 — 9,30
Sabbados — Instrucção theorica	9,10 — 10,40	9,40 — 10,50

15,30 — 17,00 15,30 — 17,00

Notas. A instrucção de sabbados á tarde será uma vez por quinzena Fc. e uma vez por mez tiro de fuzil, mosqueteão ou pistola.

A instrucção theorica dos sabbados consistirá alternativamente, salvo quando convenha maior frequencia, numa sessão E.

A partir de Março a instrucção das sextas-feiras será da cathegoria I, uma vez por quinzena, em substituição ao

alteração aconselhada pela experiecia do anno de instrucção recem-passado.

1. Incumbe ao ajudante do R. a organisação do registo da instrucção dos officiaes, theorica e pratica.

2. Esse registo será iniciado pelo programma préviamente traçado e publicado no Bol. Regimental. Em seguida consignará na ordem chronologica todas as ordens subsequentes successivamente dadas em Boletim; será completado por um mappa das sessões realizadas. De cada sessão constará: data, hora, assumpto e encarregado do trabalho.

3. Annexo ao registo figurará um resumo ou uma copia do assumpto tratado nas sessões, a fornecer pelo autor do trabalho.

4. Esse registo destina-se á Bibliotheca Regimental, findo o anno de instrucção.

*

Bol. R. de 21-12-23:

INSTRUÇÃO DOS OFFICIAES: — Antecipa-se a publicação das ordens sobre esta instrucção, para o restante do 1.º periodo a contar de 7 de Janeiro.

1. Vêr letras *b* e *d* do n.º 2 do capitulo respectivo no Bol. R. de 2-10-23, pag. 647.

2. O plano geral dos trabalhos será o seguinte:

2.º feiras — Gymnastica e esgrima ...	15,30 — 17,00	15,30 — 17,00
3.º feiras — Equitação	15,30 — 17,00	15,30 — 17,00
4.º feiras — Topographia	14,30 — 17,00	15,00 — 17,00

5.º feiras — Instrucção theorica	9,10 — 10,40	9,40 — 10,50
6.º feiras — Bia. de alarme	6,00 — 9,00	6,30 — 9,30
Sabbados — Instrucção theorica	9,10 — 10,40	9,40 — 10,50

15,30 — 17,00 15,30 — 17,00

exercicio de bia. de alarme, que então cessará, com a exclusão do pessoal de 16 mezes.

3. Encarregados de instrucção. Vêr o Bol. R. de 6-11-23, art. 3.º.

4. Plano dos trabalhos para a semana de 7 a 12 de Janeiro:

Dia 7 — G.; Dias 8 — F.; Dia 9 — H.; Dia 10 — E.; Dia 11 — J.; Dia 12 — E.; Fc.

Notas. As sessões E destinam-se ao estudo das manobras de destacamentos.

Este plano geral dos trabalhos foi sofrendo pequenas alterações para attender a interesses superiores supervenientes. P. ex.: quanto á topographia, para dar lugar ao estudo do novo material (infelizmente ainda não veiu nenhum dos goniometros de nenhuma especie); para dar lugar a que o Sr. Cel. Cmt. da Brigada, vindo de S. Paulo, pudesse assistir aos exercícios E e I, deslocados então aquelles para as tardes de 5.^a feira; para dar lugar á preparação para o concurso hippico de 3 de Maio em S. Paulo — mais uma sessão de equitação por semana, e troca de F e G, nas 2.^a e 3.^a feira.

— Como possa interessar damos um plano de trabalho de uma sessão E, e dois exercícios J.

*

4.^o R. A. M.

Ytú, 7-2-924

INSTRUÇÃO DOS OFFICIAES

Cathegoria E.

6.^a sessão. — *Plano do Trabalho*

I. — Revista sumaria das limpas pedidas do trabalho da sessão anterior:

- Ordem do Cmt. da vg. e do da A. para o estac. de 10.
- Recapitulação da situação, na noite de 10, por um dos officiaes.
- Soluções Alcides e Levy á ordem n. 3 do Dest.
- Solução do Cmt. do Dest. na manobra.
- Solução François e Camara ás decorrentes ordens dos Cmt. de C. R. e da A.

II. — Revista de algumas soluções ao novo trabalho pedido (ordem n. 4 do Dest.):

- Recapitulação da situação na noite de 11, por um dos officiaes.
- Algumas soluções á ordem n. 4 do Dest.
- Solução do Cmt. do Dest. na manobra.
- Ordens decorrentes dos dois Cmt. de I. e do da A.

III. — Continuação de uma parte do exercicio sobre a carta, a partir das passa-

gens sobre o rio Pinheiros. Referencia ao R. G. U. art.º 139. Idem ao R. de pontes de circumstancias, art.º 3 bis.

IV. — Apreciação D. sobre a jornada de 12 até a chegada á base de partida para o ataque.

Leitura da ordem do Cmt. do Dest. na manobra para o ataque após á ocupação dessa base.

V. — Formulação de nova situação, dada aos officiaes.

VI. — Trabalhos pedidos, para terça-feira, 12:

- Carvalho e Franklin — Limpa da ordem do Dest. n. 4.
- Camara, Asdrubal, Solon e Cleisthenes — Limpa das ordens decorrentes dos dois Cmt. de Btl. e do da A.
- A todos, com a nova distribuição seguinte: Raul, Solon e Cleisthenes; François, Camara e Asdrubal; Gamaeiro, Franklin e Flavio; Carvalho e Drummond; Levy e Alcides. — Ordem do Cmt. do Dest. em face da nova situação, decorrente ordem do Cmt. da I. e dos Cmt. dos dois Btl. de ataque.
- Ao 1.^o Ten. Drummond (encarregado do assumpto) para a sessão de 16 — estudo do R. E. I. sobre a forma geral do combate, a aproximação e o ataque.

(Assig.) Major Klinger.

A sessão teve lugar conforme o plano.

Na parte III foram estudados: Condueta do Cmt. do Btl. que passava por Pinheiros, ao receber tiros de A.; conducta do Cmt. do Btl. do N. ao chegar sem nenhuma novidade á base de partida; conducta do Cmt. do Esq. da região ao S. de Presidente Altino, ao chegar o Btl. do N. á sua base de partida.

Compareceram: Coronel Escobar (Cmt. da Bda.), Ten. Cel. Carlos L. de Figueiredo e Cap. G. Cordeiro de Faria (do 2.^o G. I. A. P.), Ten. Cel. O. Mesquita Vasconcellos e 1.^o Ten. Jonathas Corrêa (do 2.^o G. A. Mth.), Ten. Cel. Tinoco, Major Klinger, Cap. Raul, Camara, Solon, Gamaeiro, François e Cleisthenes, 1.^o Ten. Asdrubal, Carvalho, Drummond, Levy, Alcides e Francklin (19).

(Assig.) Major Klinger.

4.º R. A. M.

Ytú, 11-1-24

INSTRUCCÃO DOS OFFICIAES
E DAS PRAÇAS PROMPTAS
Cathegoria J.

Primeiro exercicio da bia. de alarme

Chama-se *bia. de alarme*, a uma bia. de combate constituída durante o periodo de recrutas com o pessoal prompto de todas as bias.; o calendario Regimental estabelece um exercicio destes por semana, alternadamente em cada G., seu aproveitamento para a instruccion dos officiaes, bem como para certo ensino concreto aos recrutas á vista da bia. formada no quartel.

O serviço de 16 mezes é que permite taes exercicios em pleno periodo de recrutas.

Plano de trabalho

Situação geral. — A força de que fazemos parte tem por missão cobrir o desembarque de tropas em Ytú, esperadas de Campinas e de São Paulo por Itaicy, e que deverão marchar contra o inimigo que se acha a 30 km. ao S. de Sorocaba e avança para o N.

Situação particular. — A tropa de cobertura de Ytú compõe-se de uma Bda. de I., dois Esq. de C. e o 4.º R. A. M.

O I. G. tem ordem de ocupar uma posição a cerca de 2 km. ao S. do entroncamento das tres estradas do Campo da Forca.

Esta situação será comunicada á tropa por occasião do 1.º alto regulamentar, a effectuar no largo da Caixa d'Agua e lavanderia publica; terá sido dictada aos officiaes da bia. antes de sua partida do quartel.

Em seguida os cmt. da bia. (1.ª e 3.ª supostas) com seu sequito se adiantarão com o Cmt. do G. para reconhecimento da posição, deixando ás bias. as indicações necessarias para proseguimento na marcha; as V. T. avivarão a marcha de accordo com o terreno.

O ajt. do G. com um sgt. e um ordenançia partirá com antecedencia para esco-

lha do observatorio e posições de linhas de fogo (Estas muito genericamente, por hypothese de falta de tempo) na região indicada (Combinação precisa teve lugar de vespera in loco) ao chegar o Cmt. do G. o ajt. deve ter ultimado a orientação da carta sobre o terreno e escolhido um bom ponto de vigilancia para o G., na direcção geral de Sorocaba.

Chegados á posição o Cmt. de G. com os de bia., tem lugar a repartição da mesma. O cmt. da 2.ª bia. escolhe a posição para as suas peças, dá ordem para a ligação da linha de fogo com o P. C. do G. (o da bia. será junto a este), dá ordem ao sgt. da luneta para o respectivo serviço, escolhe o modo de accionamento e dirige pessoalmente a este.

O accionamento será repetido, pelo mesmo processo ou por outro.

Os candidatos a oficial de reserva do anno passado terão tarefas dadas pelo Cap. Camara.

O 1.º Ten. Alcides funcionará como ajt. do G. (Pois que o ajt. servirá de Orientador).

O Cap. Cleisthenes fiscalisará a secção Levy, auxiliado pelo 1.º ten. Asdrubal, o qual terá a missão especial de observar a conducta dos armões no accionamento.

O Cap. Raul fiscalisará a secção Flavio.

O 1.º Ten. Drummond fiscalisará as ligações da linha de fogo.

Estas fiscalisações começam desde o momento em que sejam ordenadas (lugar do 1.º alto) e terminam com o exercicio da tropa, na reunião de officiaes, na posição.

Em momento opportuno, antes de terminada a reunião a bia. será posta em marcha para o quartel, onde, antes de sahir de forma, com a assistencia dos recrutas da 2.ª bia., o seu cmt. transmitirá á tropa os principaes ensinamentos do exercicio.

As ordens complementares sobre constituição da bia. e aproveitamento da formatura para ensino concreto aos recrutas do G. foram dadas no addto. do G.

Foram successivamente estudadas as 3 bias. do G. (3 exercicios) e depois em conjunto recapitulado o trabalho no G.

de tres bias., cada bia. figurada por uma secção.

(Assig.) Major Klinger.

*

4.^o R. A. M. Ytú, 4-2-24

INSTRUCCÃO DOS OFFICIAES
E DAS PRAÇAS PROMPTAS

Cathegoria J.

Quinto exercicio de bia. de alarme
— Plano de trabalho

A. — *Situação geral* a mesma dos quatro exercícios anteriores. (A tropa de que fazemos parte deve cobrir um desembarque a effectuar em Ytú, de tropas vindas de S. Paulo e Campinas por Itaiey. Esta reunião visa operar contra o inimigo que se acha a trinta kilometros ao S. de Sorocaba.

A tropa de cobertura é de uma Bda. de I. G., vae tomar posição no Campo da Forca, cerca de 2 km. ao S. do entroncamento das tres estradas).

Situação particular. — O 2.^o G. vae tomar posição imediatamente a O. da estrada de ferro, a 3 km. ao S. de Ytú, (Villa Virginia) frente ao S.

B. — Esta situação será comunicada á tropa por occasião do primeiro alto regulamentar, a effectuar cerca de 500 m. ao N. de Villa Virginia. Dahi os cmts. de bia., chamados pelo cmt. do G., adiantam-se com os Cap. e fazem avançar as V. T.

O estudo do terreno pelo Cmt. do G. com os seu cmts. de bia. terá lugar na vespera á tarde (será effectivamente na manhã de 7) e todos os pormenores para a ocupação da posição ficarão ahi assentados.

C. — 1. Commandará o G. o Snr. Cap. Lima Camara, que aproveitará os tres aspirantes da res. e seu E. M. e Sec. de Com.; Ort. 1.^o Ten. S. Carvalho; 4.^a bia. — Cmt. 1.^o Ten. Drummond, subalternos: 1.^o Ten. Flavio e Alcides; 5.^a bia. — Com. 1.^o Ten. Levy, subalternos: 1.^o Ten. Franklin e um sgt.; 6.^a bia. — hypothetica. Demais officiaes á disposição do director do exercicio, cada um com seu ordenança (se possível); ainda á disposição do director um clarim (2.^o G.) e o ordenança.

2. Cada uma das seis bias. organicas deve atrellar e guarnecer uma v. p. e uma v. m. como no exercicio anterior; reunidas as tres do 2.^o G. constituirão a 4.^a bia., as tres do I a 5.^a, bias. portanto a tres peças; cada G. deverá além disso dar uma v. t. á respectiva bia. de alarme. As quartas peças serão figuradas pelos c. p. e c. e. que marcarão essa fraccão em marcha e em posição. Partida do quartel ás 7.

3. Material de bias. de alarme e lugar de atrellagem: Ordem dos G.

4. Das 6,30 ás 7 será dado o ensino aos recrutas junto ao material. Após o exercicio transmissão dos ensinamentos aos recrutas, a cargo das bias. na 1.^a sessão de A.

D. — 1. Objecto das observações: Todo o serviço da tropa e dos quadros para a ocupação da posição e orientação das bias. O Cmt. do G. apresentará no fim do dia um esboço planimetrico das posições.

2. Missões para os auxiliares do director: Cap. Raul — Conducta do Cmt. do G. e dos seus auxiliares; Cap. Cleisthenes na 4.^a bia. e Cap. Solon na 5.^a — Conducta dos officiaes e da tropa, durante a marcha inclusive; Cap. François e Gameiro, respectivamente na 4.^a bia. e na 5.^a — ligações; 1.^o Ten. Asdrubal — ajt. do director.

(Assig) Major Klinger.

RECONHECIMENTO DO TERRENO

Licções ministradas aos meus sargentos

VI LICÇÃO

Vias ferreas.

Executa-se o reconhecimento das vias ferreas, já para utilizar-as como estradas de rodagem, — e, neste caso, tudo quanto se expoz precedentemente, em tratando das vias de comunicação terrestre, aqui se applica — (*), já para destruir ou in-

terceptal-as, já, enfim, para assegurar-se serviços que delas se pôde alcançar.

Assim, pois, tendo por fim, o relatorio de um reconhecimento, constatar os serviços que uma via ferrea pôde facultar, ou precisar pontos onde facilmente se a pôde destruir, a interceptar, ou adaptar, elle mencionará as seguintes indicações:

GENERALIDADES

Direcção
 Rêde
 Pontos inicial e final
 Importância da linha
 Maiores e menores raios das curvas
 Indicações especiaes sobre postes, arames, etc.
 Velocidade media { passageiros
 cargo
 mixtos

Simples ou dupla

Sua largura (A bitola é de 1,435 por toda a Europa, salvo na Russia — 1,523 e na Hespanha — 1,735) No Brazil são variaveis: a Central do Brazil tem duas bitolas: larga — 1,60 e estreita 1,00. Nos Estados Unidos a bitola é 1,435 que é a bitola considerada padrão. E' a bitola da Lighth no nosso paiz, chamada Standard.

VIA

Natureza do ballastro

Largura da plataforma (de 6,80 a 8,50 — vias duplas, e de 3,50 a 4,50 — vias simples)

As maiores larguras (esclarecimento util para o caso de desembarque em plena linha)

ESCLARECIMENTOS: Os cavalos e viaturas pôdem (recurso importante nas regiões innundadas ou montanhosas) circular facilmente sobre a linha?
 Recintos cercados

Extensão das secções em patamar

Extensão e tensão das inclinações { rampas ou acclives
 declives

Mudança de declives (Si a inclinação atinge 1/100, é preciso machina de reforço; tambem pôde vencer o acclive por arremesso, uma vez sendo a rampa curta; modera o avanço na descida. A partir de 1/60, necessário se torna cortar o trem)

Villas ou cidades proximas

Facilidade de passagem para os terrenos adjacentes.

Parte em aterro e { sua largura
 em desaterro { seu comprimento
 sua altura
 natureza do solo

Inclinações e relevos { seu revestimento
 dos taludes { regos para as aguas e vias de escoamento

Penhascos que pôdem de abar (tudo isto é muito importante para as destruições)

(*) E' preciso evitar a utilização do solo da estrada por um grande numero de viaturas porque, nos cortes um pouco extensos, sob os tuneis e em outras passagens apertadas, interrupções bem difficeis de se evitar e obviar se produziriam facilmente. Do mesmo passo as pontes dos caminhos de ferro não devem servir de passagem á cavallaria e ás viaturas, porque os pranchões que cobrem as vigotas do taboleiro são geralmente de pequena espessura.

OBRAS D'ARTE	Passagens	<table border="0"> <tr> <td rowspan="2">superiores inferiores ao nível</td><td rowspan="2">{ normaes obliquas</td><td>fechadas</td></tr> <tr> <td>abertas</td></tr> </table>	superiores inferiores ao nível	{ normaes obliquas	fechadas	abertas	
superiores inferiores ao nível	{ normaes obliquas	fechadas					
		abertas					
Boeiros	<table border="0"> <tr> <td rowspan="2">abertos capeados em arco</td><td rowspan="2">{ extensão total numero de arcos distancia entre cada arco</td><td></td></tr> <tr> <td></td></tr> </table>	abertos capeados em arco	{ extensão total numero de arcos distancia entre cada arco				
abertos capeados em arco	{ extensão total numero de arcos distancia entre cada arco						
Pontes, pontilhões e viaductos	<table border="0"> <tr> <td rowspan="4">natureza da ponte</td><td rowspan="4">{ alvenaria madeira metallica</td><td>pedra</td></tr> <tr> <td>pedra e tijolo</td></tr> <tr> <td>construcción</td></tr> <tr> <td>preparativos para explosão e sua destruição</td></tr> </table>	natureza da ponte	{ alvenaria madeira metallica	pedra	pedra e tijolo	construcción	preparativos para explosão e sua destruição
natureza da ponte	{ alvenaria madeira metallica			pedra			
				pedra e tijolo			
				construcción			
		preparativos para explosão e sua destruição					
	altura						
	<u>Esclarecimentos</u> : Caso a ponte já tenha saltado e se deseje lançar uma nova sobre a brecha aberta, dizer quaes: a largura da brecha, a profundidade, a solidez das bases, sua parte aproveitável, material necessário ao reparo e as facilidades de passagem existentes por outros lugares.						
Drenos	<table border="0"> <tr> <td rowspan="2">{ cegos abertos</td><td rowspan="2">{ extensão de uma a outra abertura altura</td><td></td></tr> <tr> <td></td></tr> </table>	{ cegos abertos	{ extensão de uma a outra abertura altura				
{ cegos abertos	{ extensão de uma a outra abertura altura						
Tuneis	<table border="0"> <tr> <td rowspan="4">{ modo de construción sob que movimento do terreno elles são abertos natureza do massiço atravessado ventilação</td><td rowspan="4">{ preparativos a executar para a obstrucção (Para reconhecer um tunel é prudente ocupar as duas entradas).</td><td></td></tr> <tr> <td></td></tr> <tr> <td></td></tr> <tr> <td></td></tr> </table>	{ modo de construción sob que movimento do terreno elles são abertos natureza do massiço atravessado ventilação	{ preparativos a executar para a obstrucção (Para reconhecer um tunel é prudente ocupar as duas entradas).				
{ modo de construción sob que movimento do terreno elles são abertos natureza do massiço atravessado ventilação	{ preparativos a executar para a obstrucção (Para reconhecer um tunel é prudente ocupar as duas entradas).						
Usinas e predios marginaes							
Revestimentos especiaes, muros (pontos favoraveis a sua destruição)							
TERRENOS ADJACENTES	Mudanças de leito	<table border="0"> <tr> <td rowspan="2">{ ramaes desvios agulhas</td><td rowspan="2">{ sua largura seu intervallo (util de conhecer para os embarques em plena via).</td><td>Córtex em montanhas ou em rampas</td></tr> <tr> <td></td></tr> </table>	{ ramaes desvios agulhas	{ sua largura seu intervallo (util de conhecer para os embarques em plena via).	Córtex em montanhas ou em rampas		
{ ramaes desvios agulhas	{ sua largura seu intervallo (util de conhecer para os embarques em plena via).	Córtex em montanhas ou em rampas					
Vias de resguardo							
Vias de garages	<table border="0"> <tr> <td rowspan="2">{ numero desenvolvimento</td><td rowspan="2">{ de madeira de cimento armado de aço</td><td>Extensão dos córtex</td></tr> <tr> <td></td></tr> </table>	{ numero desenvolvimento	{ de madeira de cimento armado de aço	Extensão dos córtex			
{ numero desenvolvimento	{ de madeira de cimento armado de aço			Extensão dos córtex			
	<u>Esclarecimentos</u> : Sobre os terrenos lateraes, dizer si a região é praticavel.						
ENTRONCA- MENTOS	Mudanças de leito	<table border="0"> <tr> <td rowspan="2">{ ramaes desvios agulhas</td><td rowspan="2">{ sua largura seu intervallo (util de conhecer para os embarques em plena via).</td><td></td></tr> <tr> <td></td></tr> </table>	{ ramaes desvios agulhas	{ sua largura seu intervallo (util de conhecer para os embarques em plena via).			
{ ramaes desvios agulhas	{ sua largura seu intervallo (util de conhecer para os embarques em plena via).						
Vias de resguardo							
Vias de garages							
TRILHOS	— Natureza, fórmula e comprimento dos rails	<table border="0"> <tr> <td rowspan="2">{ ferro aço</td><td></td></tr> <tr> <td></td></tr> </table>	{ ferro aço				
{ ferro aço							
DORMENTES —	— " " " "	<table border="0"> <tr> <td rowspan="3">{ de madeira de cimento armado de aço</td><td></td></tr> <tr> <td></td></tr> <tr> <td></td></tr> </table>	{ de madeira de cimento armado de aço				
{ de madeira de cimento armado de aço							
ESTADO DA ESTRADA	Curvas						
	Aterros						
	Mudanças de leito (Examinal-os cuidadosamente nestes pontos)						
	<u>Esclarecimentos</u> : Sobre o estado das pontes; verificar-lhes si os trilhos não são simplesmente collocados sobre os dormentes, ficando o taboleiro solto.						

GARES, ESTAÇÕES, PONTOS DE PARADA	Distancia das estações (Importante para regular o intervallo dos trens, sobre-tudo si houver só uma bitola)
	Situação
	Importancia
	Linhas que ahi vão ter
	Facilidade de accesso e de abôrdo
	Edificios { sua capacidade recursos de que dispõem para a defeza facilidade para alojamento de tropas e de aprovisionamento installações de estações de refeições " " " " ambulancias armazens
	Reservatorios d'agua, sua capacidade e fórmula de abastecimento
	Aprovisionamentos de toda sorte
	Telegraphos, signaes, etc..
	Comprimento Largura Elevação em relação aos vagões Facilidade de accesso Numero de vagões que se lhe pôde encostar (em média 7 a 8 metros por vagão).
CAES DE EMBARQUE OU PLATAFORMAS	Cobertura { total parcial
	Effectivo que se pôde embarcar d'uma vez na plataforma " " " " " " nas vias de garage
	Recursos { em rampas em moveis
	Illuminação
	Numero e largura das vias transversaes, bem como das adjacentes
	Reunião das linhas { por meio de agulhas " " " chapas rotativas e giradores " " " plataformas corrediças
	— Mudanças de linha { agulhas chapas rotativas ou giratorias e giradores pranchas corrediças guindastes sobre-trilhos triangulos de reversão
	distancia das estações aos mananciaes (em media 20 Kms.)
	reservatorios { capacidade modo de alimentação { poços bombas fontes
	<u>Esclarecimentos:</u> Numero de locomotivas que se pôde abastecer em 24 horas (pôde contarse com o consumo de um metro cúbico por hora e por locomotiva; em media 5 metros cubicos por trem).
RECURSOS EM COMBUSTIVEL	Em agua {
	Em carvão, oleo ou lenha { pontos de abastecimento depositos, sua existencia
<u>Esclarecimentos:</u> Sobre o consumo e restabelecimento.	

RECURSOS EM MATERIAL	Depositos	{ de machinas (rotundas) " trilhos " dormentes " talas de juncção " coussinets " placas de apoio " cavilhas " tirefonds " utensilios " carvão " ferramenta
	Officinas de construcção e reparos : sua importancia	
	Locomotivas	{ especie numero potencia
	Vagões	{ de passageiros de animaes de mercadorias ou carga
	Organização	{ linha tracção trafego
RECURSOS EM PESSOAL	Numero	
	Distribuição	
	Fidelidade e bôa vontade	
	Numero de mechanicos e motoristas disponiveis	

CONSIDERAÇÕES MILITARES

Devem ser procedidas as mais precisas sobre a segurança e a protecção da via, bem como sobre os pontos susceptiveis de defesa. São pontos favoraveis para operar as destruições: *tuneis e obras d'arte* (collocação precisa dos alojamentos de minas); *cortes, vallas e tuneis* permitem facil obstrucção (o desentulho não se pôde fazer sinão pelas duas extremidades); as *curvas* (a força centrifuga facilita o descarrilhamento, accrescendo que

offerece a vantagem do machinista chegar á intercepción sem n'a ver, especialmente quando a curva recahe num corte); os *Aterros* (si se lhes faz um fosso, a remoção de terras pôde ser feita trabalhando-se de quatro lados); as *bifurcações, agulhas, chapas giratorias, reservatorios, locomotivas, etc..* (V. Manual do Chefe de Destacamento de Orozimbo Martins Pereira). Cap. *Dilermando C. de Assis.*

(Continúa)

SEJAMOS CALMOS

Da *Revue Française* sob o titulo que encima estas linhas, estrahimos este trabalho, assignado por Galieu.

Em vista da originalidade dos conceitos, que externa, julgamos de utilidade a sua diffusão, em o nosso meio militar.

Sejamos Calmos deve ser uma divisa, para todos nós soldados, por isso que ser calmo é ser, em regra, capaz de decisões efficientes. Effectivamente, quantas vezes a precipitação não nos leva a erros grosseiros, ou a situações criticas, de que não podemos sahir senão pelo malabarismo dos sophisms com que procuramos vedar ou illudir a observação alheia! ...

E quantos predicados negativos não se attribuem, por vezes, a individuos cujas

resoluções infelizes não têm outra origem senão a exaltação, a irreflexão, a falta de sangue frio, no instante mesmo em que é preciso agir?

Consideramos, pois, profundamente instructivas as palavras de Galieu que passamos a transcrever.

Para não gastarmos inutilmente as nossas energias physicas e moraes, vejamos calmos.

Para conservar todo o nosso influxo nervoso, preservar a nossa saude e o nosso bom humor, vejamos calmos.

Para viver longamente, para manter nossa memoria e todas as nossas faculdades mentaes, vejamos calmos.

Para a felicidade em torno de nós, vejamos calmos.

Para nos defendermos das asneiras e das inconsequencias, que poderíamos praticar durante a nossa existencia, sejamos calmos.

Sim, sejamos calmos, para nos assegurarmos a saude, o exito e a felicidade.

Como ser calmo?

— Mantendo o rythmo de nossas forças materiaes e moraes, pelos meios seguintes:

a) cultura physica diariamente; um quarto de hora no minimo: dez minutos ao despertar e cinco minutos ao deitar.

b) Durante ás refeições mastigar lentamente; não tomar bebedas excitantes: vinho, alcool, café, chá. Não fumar.

c) Não assistir a espectaculos super-excitantes, como os de «Grand-Guignol», combates de box, corridas de touros.

d) Deitar-se ás refeições por cinco minutos, durante os quaes se procurará não pensar absolutamente em nada — esforçando-se por obter o vasio completo do cerebro. Não fazer movimento algum: como se estivesse morto.

e) Tentar absoluta immobilidade, varias vezes por dia, — no bond, no trem, isto é, impôr-se a não fazer movimento algum durante cinco minutos.

f) Exercer a auto-sugestão. Cada vez que se tem occasião de se irritar, de se affligir, — dizer, repetir: «Eu sou calmo; sou paciente; sou senhor das circunstancias; meu sangue frio é imperturbavel...» A pratica da auto-sugestão acaba por se tornar habitual; ella age, en-

tão, mesmo sem sabermos, sobre o nosso temperamento, e nos dá a attitudde que desejarmos.

g) Dispôr o tempo e organizar o trabalho de maneira a não estar nunca em atrazo, nem com a preocupação da hora.

h) Obrigar-se a fazer tudo muito bem, com perfeição e attenção; por exemplo, primeiro por breve tempo em cada dia; depois, durante duas horas, e assim seguidamente. Mesmo que se trate do acto o mais insignificante do dia, faz-se mistér procurar executal-o de um modo perfeito.

Sem duvida, é impossivel a um principiante, sustentar sua attenção, sua bôa vontade durante muitas horas successivas. Desde, porém, que comece por uma hora, ou mesmo por meia hora, o treinamento se faz, e se chega, pouco a pouco, a uma modificaçao radical.

Sobre quatro pessoas que lerem estas linhas, a primeira sorrirá, manter-se-á incredula; a segunda considerará tal trabalho muito difficult de realisar e não ousará emprehendel-o; a terceira inicial-á, decorridos, porém, alguns dias, abandonal-o-á, vencida pelas difficultades; a quarta acreditará firmemente no que ensinamos, entusiasmar-se-á pela reeducação de si mesma, persistirá e se transformará.

E' para a ultima que escrevemos.

de Moraes.

Cap.

CAVACOS PROFISSIONAIS

JUSTIFICAÇÃO

Da classificação dos atiradores. — Parece-me dar uma ideia mais precisa ou clara do grau de adeantamento ou capacidade no tiro individual da arma portatil, — o fuzil ordinario e o mosquetão, que ainda por alguns annos serão as armas decisivas do nosso infante, de quem se exercita nesse tiro que — «atirador de 2.ª classe», «atirador de 1.ª classe» e de «classe especial», exigindo ainda o regulamento vigorante, na realidade, para o «tiro de verificação» de justezas, atiradores «eximios», como se tivesse previsto tal classe ou condições para o ser.

E o proprio regulamento (R. T. I.), ou melhor — a instruçao que elle estabelece ou codifica — é que veio a soffrer, com tal prescripção, reforçada pela allegação de falta de estatua extra-humana, que, aliás esse regulamento não prescreve, mas sim a humana auxiliada pelo apoio da arma e mais conforto para o atirador no tiro de verificação, pela inobservancia, quasi geral ainda hoje, de um de seus preceitos mais importantes sob o ponto de vista

technico e em beneficio da respectiva instruçao, tal como seja o da verificação, periodica e em dado tempo, das condições de justezas que até mesmo alguns technicos andam, ultimamente, confundindo com sondagem ou verificação do calibre — actual — da arma.

Com esta classificação que proponho, o sorteado ou voluntario de um anno (ou de 18 mezes como, segundo me consta, já propôz o actual Sr. Ministro da Guerra), que, apenas, tem uns 9 mezes uteis á instruçao do soldado, terá a probabilidade (sem artificios enganosos da realidade, mas em beneficio da homogeneidade e efficiencia dessa instruçao) de atirar ás distancias de 150, 200, 300 e 400 metros nas tres posicoes ditas regulamentares ou normaes (deitado, de joelhos e em pé). Actualmente isto não se dá e nem dar-se-á mesmo com o serviço de 18 mezes, a continuar as cousas como actualmente, principalmente nos corpos que não dispõem de linha de tiro propria, e outras circumstancias muito bem conhecidas dos profissionaes que mourejam e se neurasthenizam pela caserna, embora com inau-

ditos esforços dos responsáveis directos pela instrução da tropa propriamente dita.

Além das vantagens que o leitor profissional no que proponho encontrará, está a de melhor explorar-se a vaidade humana, encontrada em todas as classes sociais e mais ou menos explorada pelos mais ou menos escravos, sendo que aqui será em benefício da defesa nacional.

Das distâncias. — Dado o facto do projectil (bala P de 9 grammas) desse nosso fuzil (o Mauser, modelo 1908) só adquirir estabilidade relativa deseável na respectiva trajectória depois de certo percurso — que alguns técnicos afirmam ser de 100 a 150 metros da boca do cano da arma — conservando tal estabilidade até certa distância (muito além de 400 metros), é inconveniente o *tiro preparatório* ora proposto (em lugar de «tiro de instrução»), porque o tiro de combate é também um tiro de instrução, a menos de 150 metros, atendendo ainda a que a distância menor, no combate, o que predomina é o *choque* e as granadas.

O tiro à distância de 400 metros, para os preparatórios, está justificado porque, sendo o seu alvo individual, todos os regulamentos táticos e de tiro das nações que dispõem de armamento mais ou menos como esse nosso, como sendo feito contra alvos ou objectivos individuais, de mais ou menos iguais dimensões entre si (dahi a razão de ser do eixo maior das linhas de tiro, para esses tiros não exceder geralmente de 400 metros), e os tiros preparatórios, aqui propostos, serão feitos somente contra alvos individuais isolados.

As formas e dimensões desses alvos serão justificadas adeante.

Das posições. — Para os principiantes, este qualificativo por si só justifica que a primeira posição (ou inicial) de sua classe seja a sentada com a arma apoiada (art.º 65 do R. T. I. ainda vigorante na tropa) em saquinhos superpostos, quasi cheios de terra ligeiramente arenosa (e não somente de areia como alguém aconselha), sobre uma mesa firme (e não as beri-bericas que existem ali), para garantirem (posição do instrumento em punhado a arma e apoio desta) um conforto e estabilidades maiores em benefício do estímulo do *atirador principiante* pela deseável e por certo melhor eficácia desse seu tiro. Além desta posição incluímos apenas mais quatro: — deitada, com a arma apoiada no recurso já aconselhado, porém sobre o sólo (D. a. ap.); deitada, com a arma livre (D. a. l.); de joelhos (D. j.), e em pé, com a arma livre (E. p. a. l.), respectivamente com 1, 2, 3, 4 e 5 tiros, o que dá um gasto total previsto para tal classe de 15 cartuchos que, na pior hypothese será acrescido, no máximo, de uns 5 a 10 cartuchos, dados o alvo e condições a satisfazer que proponho, mais técnicos e rationaes, a meu ver, e uma instrução preliminar conveniente e indispensável.

Para as outras classes (excepto a de *atiradores eximios*) previ apenas as quatro últimas posições dos principiantes, cuja justificação é obvia.

E se não previ a arma apoiada para as duas últimas posições das quatro classes pri-

meiras, é porque quem atirar satisfatoriamente com a arma livre, com mais forte razão atirará assim com a arma apoiada, desde que assim, uma ou duas vezes, já tenha procedido.

E quantos cartuchos para os tiros previstos para as quatro classes em questão? Apenas 57 cartuchos, que, na prática, talvez sejam acrescidos de uns 25 ou 30, dadas as circunstâncias nas linhas acima apontadas.

Ora, 87 cartuchos, que sejam, dotação quasi trez vezes menor que a teórica e umas dez vezes menor que a prática consome para levar um atirador à actual classe especial do nosso R. T. I. expirante (?), e compatível com a actual dotação (mandada escrita à tropa há pouco) de munição, fazendo-se o estorno ou transferência para os *tiros preparatórios*, aqui propostos, da quantidade de cartuchos destinados, por essa dotação, ao futuro tiro real à distância reduzida (que prescrevi) e nella, noticiado.

ERRATAS

(Do artigo VII)

Por equívoco de quem fez os desenhos da silhueta do homem deitado, visto de frente, no das zonas dos alvos, na escala de 1:10, para os estereótipos, as estampas resultantes (pag. 78) impressionam de modo a crer-se que as dimensões da silhueta variam com a forma das zonas (circulares, ou elípticas) e distância do alvo a quem atira: as dimensões, — naturas —, da silhueta, em carimim, são invariáveis, seja qual for aquella distância, como lê-se à no quadro da página imediatamente seguinte.

A base da silhueta distará do centro do alvo de um número de milímetros igual ao da ordenada da trajectória à distância considerada (100, 200, 300, ou 400 metros), com tal ou qual alça, deste ou daquelle modelo de fuzil, ou mosquetão.

No quadro da pag. 79, coluna dos «Alvos», casa do (Z. E. S., 104): da phrase —... de eixos maiores iguais a... — suprima-se a palavra — maiores.

No mesmo quadro e na coluna «Condições de acesso de posições de Classes», suprima-se do período com que prescrevi a condição de acesso da 1.ª posição (S. a. ap.) para a imediatamente seguinte, a phrase —... transposto para outro lugar desta página... —

Outros enganos serão facilmente lobbregados e corrigidos pelo leitor atencioso.

*
Nota. — No meu artigo VI, sobre o «Registo de armamento», etc., pag. 35, fiz referência a umas «Instruções provisórias» que condicionavam o exame do armamento portátil, periodicamente, cujo exemplar de minha propriedade particular não tinha encontrado nos meus alfarrabios, o que aconteceu posteriormente: tais instruções trazem o título — «Projecto de instrução para exame do armamento portátil e respectiva munição, a cargo dos corpos de tropa»; edição da — Imprensa Militar — Departamento Central — Capital Federal — 1910.

Estão assignados: Antonio Emilio Rodrigues, capitão ajudante, interino, e Manoel Bougard de Castro e Silva, 1.º tenente, auxiliar interino.

Rio, Janeiro de 1924.

Cap. Francisco José Dutra.

PRYTANEU MILITAR

CURSO DE PREPARATORIOS

197 — PRAÇA DA REPUBLICA — 197

O PRYTANEU MILITAR, installado em proprio nacional cedido pelo Ministro da Guerra, á Praça da Republica n. 197, é um estabelecimento destinado a ministrar o ensino preparatorio aos filhos dos officiaes de terra e mar, bem como a todos aquelles que desejarem cursar suas aulas.

A tabella de preços é sensivelmente inferior á dos estabelecimentos congeneres desta cidade.

Não visando auferir lucros, o PRYTANEU contenta-se apenas com o custeio do magisterio e outras despezas.

E' mais um centro de diffusão de ensino do que uma fonte de rendas.

Sua administração é a seguinte :

Director — General Jonathas Barreto.

Inspector do Ensino — General Alcides Bruce.

Thesoureiro — Tenente-Coronel Luiz Tettamanti.

Secretario — Major Augusto Feliciano Pereira Pinto.

Casa Mattos

Cereaes — Molhados — Ferragens

Liquidos e Comestiveis Finos

Pereira de Mattos & Comp.

Telephone Central 1389

Rua Evaristo da Veiga, 126

RIO DE JANEIRO

GUIA
PARA
Instrucção e Exercicio
DAS

Tropas de Saúde em tempo de paz

POR

ALVES CERQUEIRA

Preço: 5\$000 — Pelo correio mais 500 réis

Livrarias: « Alves » Rua do Ouvidor, 166 e
« Leite Ribeiro » Rua Bittencourt da Silva, 17.

PAGINAS PERDIDAS

ACERCA DA
ORGANISACAO SANITARIA DO EXERCITO

POR
ALVES CERQUEIRA

Preço: 5\$000 — Pelo correio mais 500 réis

Livrarias: « Alves » Rua do Ouvidor, 166 e
« Leite Ribeiro » Rua Bittencourt da Silva, 17.

MONTEPIO DO CLUB MILITAR

O MONTEPIO é uma instituição formada no Club Militar por varios socios, mas completamente independente da ASSISTENCIA (antigas Caixas A, B e C) quanto á sua administração e organisação. Os seus principaes fins são :

- 1º — Conceder pensões mensaes e vitalicias ;
- 2º — Cuidar da educação dos filhos menores do socio que os deixar em condições precarias.

Apezar do reduzido numero de seus socios, o MONTEPIO continua em franca prosperidade; seu patrimonio, de accôrdo com o paragrapho 1º do artigo 2º, está sendo empregado em emprestimos sufficientemente garantidos, mediante a taxa de 6% ao anno, aos seus socios, e de 8% aos que não pertencerem ao MONTEPIO, já tendo em movimento quantia superior a trezentos contos.

Para ser socio do MONTEPIO é necessario ser socio quites do Club Militar e requerer á directoria do MONTEPIO, declarando nesse requerimento dia, mez e anno em que nasceu, tabella em que deseja inscrever-se e o modo por que pretende fazer o pagamento da joia.

O MONTEPIO tem sua séde no proprio edificio do Club, funcionando o seu expediente diariamente das 14 ás 16 horas.

Para mais informações — dirigir-se ao **Major Augusto Feliciano Pereira Pinto, Secretario do Montepio do Club Militar. Avenida Rio Branco n. 251. D. F.**